

As mulheres perderam a guerra

“Os ‘fatos históricos’ seriam inobserváveis (invisíveis) se não estivessem articulados em algum sistema prévio que fixa seu significado não no passado, mas no presente. (...)

A literatura (e a arte), é claro, não dissolve todos os problemas colocados, nem pode explicá-los, mas nela um narrador sempre pensa de fora da experiência, como se os humanos pudessem se apoderar do pesadelo, e não apenas sofrê-lo.”

Beatriz Sarlo

Personagens:

Rutka, adolescente judia polonesa, 14 anos

Stanislawa Sapinska, a amiga de Rutka, 80 anos

Sobrinho de Stanislawa

Familiares de Stanislawa

Hanna Senesh, jovem judia húngara

Pedro, seu jovem amigo

Reuven, companheiro de Hannah no exército, cerca de 30 anos

Yoel, outro companheiro dela, cerca de 30 anos

Katarina, mãe de Hannah, cerca de 46 anos

Paraquedistas, oficial da prisão, oficial da SS

Agnès Humbert, francesa, cerca de 44 anos

Sylvie , sua amiga na prisão francesa

Jean-Pierre , seu amigo na prisão francesa

Henriette, sua amiga na prisão alemã

Diretor da prisão, guarda, soldado, oficial alemão, homem

O jurista alemão, presidente do tribunal no julgamento de Agnès

Uma moça alemã, Anônima, cerca de 30 anos

A mulher viúva, amiga da Anônima

Prólogo

(As quatro mulheres estão em cena. São espaços diferentes, cada uma tem sua própria fonte de luz.)

Stanislawa

(Está sentada. Olha a janela, o relógio, as coisas todas, como se estivesse se despedindo de um lugar que não irá mais ver. Ela então se levanta, com certa dificuldade por conta da idade, abre a janela, olha para fora também, e vai até um esconderijo. De lá, ela tira um pacote embrulhado num lindo tecido.)

Preciso respirar.

Preciso abrir o livro mais uma vez. Deixar entrar o ar.

Cada vez que chega este mês, eu durmo mal. Durmo como se estivesse tentando me enganar que durmo. Mas não consigo. Até pra mim é difícil enganar Stanislaw Sapinska.

Sou eu, Stanislaw Sapinska.

Tudo está doendo, hoje. Ontem também doeu. Os joelhos, atrás dos olhos, a nuca, a pele das costas, o pulmão, aqui; os músculos das coxas, as unhas pequenas. Mas não importa, porque pego fogo por dentro, estou aquecida. Hoje é meu aniversário.

(Olha para o pacote, desembulha-o, mostra o diário.)

Ela me pediu que tomasse conta dele. Que guardasse para ela, que mostrasse para todos, que trouxesse ao conhecimento do mundo. Rutka, minha amiga. Eu era sua amiga. *(Abre o diário na última página.)* Veja, o último dia em que escreveu alguma coisa foi na véspera do meu aniversário. Então, ela foi. Foi levada. Ela sabia que não iria sobreviver, e queria que esse diário sobrevivesse. “Tenha um diário, e um dia ele terá você.” *(Ela ri delicadamente, entendendo que tem a amiga em suas mãos.)*

Eu sou a guardiã do diário. Eu sobrevivi. Ela não. Por mais que eu sinta dor, aqui e ali, e um pouco de falta de ar, eu sobrevivi. Hoje é meu aniversário. Faz 60 anos que eu guardo o diário de Rutka. Acho que agora está na hora de mostrar.

Hannah

(Está sentada no chão e escreve num caderno. Tem muita energia, muita vontade. Aproxima-se, de vez em quando, da luz da vela que permite que ela escreva.)

Eu me chamo Hannah. Meu apelido é Anikó, simpático. Eu sempre pensei na vida e na morte. Claro: tudo tem nascimento, vida e morte. É óbvio, mas o difícil é tratar do óbvio. Eu li uma vez O Pássaro Azul, uma peça de Maeterlink, lembro que me ensinou muita coisa. Ele diz que a morte não existe, pois é possível reviver os mortos através da lembrança. Gostei muito disso.

Quem sabe se eu tenho verdadeiro talento? O verdadeiro alento para escrever? Apesar de sentir, dentro de mim, o desejo de me sobressair, de ser bem-sucedida, não creio que o objetivo de minha vida consista em ser escritora, mas em ser feliz e fazer feliz aos demais. De verdade, eu sinto assim: meu grande desejo é aproximar – mesmo que seja com um pequeno passo – o mundo à sua felicidade.

(Ela pega uma medalha antiga, com um cordão, que põe em seu pescoço como um colar.)

Ganhei isso na escola, quando tinha 13 anos, quase 14. Todo mundo ganhou, não fui só eu. Aqui está escrito “aliança da amizade”, “nos encontraremos em 1945 em Budapeste”. Está meio apagado, mas dá para ler. Nossa, quanta coisa mudou depois daquele dia! Eu estaria em Budapeste em 45, mas dei uma volta imensa! O trem até o porto de Constantinopla, o navio que parou em Alexandria, a chegada na Palestina. Depois, bem depois, já a caminho da volta, o exército inglês, o Egito e o salto de paraquedas sobre Budapeste. E quem voltou não foi aquela Hannah dos 13 anos. Era eu, na versão mais verdade de mim.

(Escutam-se ruídos de dois homens que chegam, pisando forte. Ela se levanta, sem receio, e não esconde o caderno. Pega a vela e aproxima do rosto de um dos homens que chegam, para vê-lo com mais clareza. Não tem medo.)

Oficial

Hannah Senesh, você foi condenada à morte. Quer pedir clemência?

Hannah

Condenada à morte? Não vou pedir clemência. Não, eu quero apelar. Chamem o meu advogado.

Oficial

Você não pode apelar, só pode pedir clemência.

Hannah

Compareci a um tribunal de segunda categoria. Eu sei que tenho direito de apelar contra essa sentença.

Oficial

Não há apelação! Volto a perguntar se você quer pedir clemência ou não.

Hannah

Clemência a vocês? De jeito nenhum, não! Não vou apelar a carrascos nem assassinos!

(Ela começa a escrever, com pressa, no caderno, como se fosse a última chance de fazer isso. Ela fala o que escreve:)

“O que será agora dos mais de um milhão de judeus na Hungria? Eles em poder dos Nazistas e nós aqui, sentados...! O que devo escolher? As luzes fracas e próximas que se filtram pelas casas ou o brilho distante das estrelas? Não temo por minha vida. Ela é importante, mas existem coisas mais importantes do que ela.”

(Continua escrevendo, sem falar.)

Agnès

(Está alinhada, em pé, as mãos ao longo de seu corpo, como numa posição de sentido, mas feita de maneira “descrente”. Está de frente para a plateia.)

Nos obrigaram a marchar no meio da rua, como se fôssemos soldados. Éramos muitas mulheres, agrupadas de três em três. Logo-logo passamos diante de uma loja de roupas femininas, que tinha uma vitrine enorme. E eu... eu passei perto... eu vejo o meu reflexo no vidro da vitrine, eu me vi nela. Vejo. Essa francesa, essa camponesa velha, que claudica, calçada com coturnos ridículos, um

vestidinho rasgado e penteada de forma grotesca: sou eu...? Preciso erguer a mão direita para me convencer de que a imagem que o reflexo me devolve é realmente a minha. Sim, a velha sou eu, pois a velha no espelho da loja ergue a mão direita... Como eu... Minha aparência é igual a todas as companheiras de marcha, tão feia e miserável quanto a delas.

Eu sei que essa espécie de tristeza que me fecha a garganta é pueril. Não há porque me envergonhar de desfilar assim, submissa, pelas ruas de Krefeld. Sim, é claro, ao ver a minha imagem naquele espelho, debato comigo mesma, não há motivo para ter vergonha, não há motivo para ter vergonha, não há motivo para ter vergonha! Mas se ao menos tivéssemos, que fosse!, Denise e eu, e também Jacqueline, se ao menos tivéssemos as cores do nosso país, num broche que fosse, um tantinho que nos diferenciasse das mulheres criminosas e assassinas com as quais nos confundem nesse passeio, essas que marcham também obrigadas ao nosso lado... Eu sou prisioneira de guerra. Prisioneira política.

O homem – e a mulher também – é realmente um ser medíocre. Bastariam três pedacinhos de fita coloridas grudados com linha pra acalmá-lo, bastaria isso para me poupar de uma humilhação aguda. Bastava um broche com as cores da França.

(Ouvem-se passos fortes de dois homens que chegam, por trás e ao lado dela.)

Guarda

Inspeção!

Agnès

(Fala com a plateia, ainda num registro narrativo)

Acabamos de passar por uma inspeção. Reuniram todas nós, as francesas e as belgas, no segundo andar. O diretor da prisão é um general importante, é diretor de todas as prisões alemãs de trabalhos forçados. Ele e um outro que o acompanhava olharam bem para nós.

Guarda

Fiquem todas numa mesma linha.

Agnès

Não somos bonitas de ver, em nossos farrapos. Ainda mais, numa linha. Eu vou tomar a palavra, a esta altura o que tenho a perder?

(Vira-se para eles, ainda com o corpo alinhado, e fala:)

Eu quero ser dispensada do serviço pesado porque não tenho mais forças. Não estou me recusando a trabalhar, mas quero um trabalho compatível com a minha capacidade física e o meu estado de saúde.

(Volta a falar diretamente com a plateia.)

Houve um silêncio. Ninguém falou nada. Por milagre, não me insultaram.

Diretor da prisão

(Depois de uma pausa, se aproxima dela um pouco e fala:)

Qual é o seu nome?

Agnès

Eu respondi que era Agnès Humbert. Assim: Agnès Humbert. Sou esquisito, ouvir meu nome depois de tanto tempo, dito por mim mesma. Falei com orgulho.

Diretor da prisão

E qual é a profissão de seu pai, e de seu filho também, se é que você tem um?

Agnès

Eu respondi, eles solenemente tomaram nota.

Diretor da prisão

Você pode assinar um pedido de clemência.

Agnès

(Respondendo diretamente ao homem:)

Clemência? Pedir-lhes clemência, eu?! Prefiro morrer!

Muito obrigada, senhor, mas eu recuso. Pretendo cumprir integralmente a minha pena.

(Volta a falar diretamente com a plateia.)

Parece que alguma coisa vai acontecer. Eu sinto, vai acontecer.

Anônima

(Está sentada numa pequena cama velha. Tem um lençol a seu lado, só isso. Há algo de cinismo em sua voz.)

Sim, a guerra vem rolando em direção a Berlim. Estamos perto do fim. (Fim do quê? O que começará, o que virá depois desse fim?)

Lá fora, um crepúsculo. Eu no porão, outra vez. Ele não é minha casa. Não tenho mais casa nenhuma, ninguém tem casa nenhuma, as coisas são de quem pegar. Atrás de uma porta de ferro de cinquenta quilos, fechada por duas alavancas, o nosso porão. Denominado oficialmente de abrigo antiaéreo, pela gente chamado de caverna, submundo, catacumba do medo, vala comum. Nós somos as sobras, as sobras que nem o *front* nem a *Volkssturm* quiseram.

O meu centro, enquanto falo sobre isso, é a barriga. Todo pensamento, sentimento, desejo e esperança principia com a comida. Temos cupons de racionamento, ração diária. (Onde está mesmo, agora, o grande *führer*? Queria

agradecer, devemos tudo isso a ele.) Hoje, na fila do padeiro, com meu cupom, o último, que me deu algumas gramas de sêmola e crostas de pão, na fila corria o boato: “os aliados vão tirar tudo o que é comestível das casas. Não nos darão nada. Eles combinaram que, primeiro, os alemães devem passar fome por oito semanas”. *(Ironiza) A vox populi.*

Pois na verdade ninguém sabe de nada, nada, nenhuma notícia confiável. O rádio emudeceu a quatro dias. Que coisas duvidosas a tecnologia nos deu de presente!, parabéns a isso tudo! Elas não possuem nenhum valor em si: rádio, fogão a gás, aquecimento central, fogareiro elétrico... grandes dádivas da humanidade, desde que se possa ligar em alguma tomada com energia. O pão é absoluto. O carvão é absoluto. Estamos andando em marcha ré para séculos passados. Trogloditas. Como as coisas estariam boas para nós se aquele tivesse nascido morto, isso foi o que ouvi no porão ontem, fingindo dormir. *Homo homimi lupus.*

Sei que o horizonte está vermelho. O que ontem eram ruídos distantes, hoje é um rufar contínuo, perto. Respira-se o ruído da artilharia. Os ouvidos ensurdecem e escutam apenas o coração, em primeiro plano...

Um coração em primeiro plano, coisa impossível para mim. Não agora, nunca antes, talvez nunca mais. Abafo o barulho do coração que abafa o barulho da artilharia; abafo o ruído do coração com um grande não que toma conta de mim. Eu serei a carne do não. Serei toda não por dentro. Por fora eu farei o que os russos pensam que conseguem de mim, e por dentro sou pura negativa. Que me importam todos eles! Nunca estive tão longe do meu sim. Todo sentimento parece morto. Viver apenas o impulso de viver. Eles não devem me destruir.

(Um fortíssimo e longo estrondo de bomba interrompe a todas, chamando-lhes a atenção. As luzes de cada uma delas ameaça apagar com o tremor. Menos a de Stanislawa.)

(Para Stanislawa, a bomba é o som de uma lembrança. Ela leva o diário ao peito, e, decidida a descer as escadas para encontrar sua família que veio para o aniversário, se levanta e confere sua aparência, no pequeno espelho.)

(Para Hannah, é como se a bomba tivesse sido jogada por ela. Quando acaba de escutar, ela diz:)

Hannah

Quero acreditar que fiz a coisa certa e que o que estou prestes a fazer também o é. O resto, só o tempo dirá.

(Para a Anônima, a bomba é confirmação e resignação. Ela se vira para o outro lado, deita-se e cobre -se com seu pequeno lençol. Sua luz se apaga sozinha.)

(Para Agnès, a bomba é como um despertador. Ela ouve o que diz Hannah, e começa a cantar, docemente, a Internacional Socialista, em francês. A ela se somam, aos poucos, várias versões gravadas, em várias línguas.)

1. Debout ! les damnés de la terre!

Debout ! les forçats de la faim!

La raison tonne en son cratère,

C'est l'éruption de la fin.

Du passé faisons table rase,

Foule esclave, debout ! debout!

Le monde va changer de base:

Nous ne sommes rien, soyons tout!

Refrão: *(2 vezes com diferentes melodias)*

C'est la lutte finale

Groupons-nous, et demain,

L'Internationale,

Sera le genre humain.

2. Il n'est pas de sauveurs suprêmes,

Ni Dieu, ni César, ni tribun,

Producteurs sauvons-nous nous-mêmes !

Décrétons le salut commun !

Pour que le voleur rende gorge,

Pour tirer l'esprit du cachot,

Soufflons nous-mêmes notre forge,

Battons le fer quand il est chaud! (segue...)

(A música toma a cena.)

Agnès

(Vindo para mais perto da plateia.)

Praticamente cada uma dessas páginas estará ilustrada com uma imagem bárbara. Muitas mulheres, milhares e milhares de mulheres, viram as imagens que vou descrever. Meu testemunho será mais um entre tantos outros. Minhas companheiras sabem que as cores de que me sirvo para pintar as imagens do que vi são menos vivas que as naturais, de propósito. Preferi assim. São imagens mal pintadas, a cor escorrendo aqui e acolá... imagens sem arte. Acessórios... da História. O retorno a essas imagens talvez não liberte as lembranças. Mas pode ser uma captura do tempo presente. O que foi passado vai se tornar presente.

(Aponta cada uma das mulheres em cena quando fala:)

Um antigo diário, outro diário mais cartas, outro diário... anotações num diário as minhas também. Uma história marginal, de mulheres, não oficial, que só pode existir se for escrita em diários, em cartas para a família e os amigos. Essa a nossa voz. A palavra escrita existirá, depois de nós, depois de tudo o que fizemos e vivemos. A maioria de nós não estará preocupada em ver louvados os nossos méritos, vamos evitar os aplausos e as condecorações, viraremos a página, e retomaremos nossas atividades, e assim reconstruiremos o mundo destruído, se tivermos sobrevivido. Isso vai sumir, nossa ação mundo vai sumir,

mas a palavra fica. Lembrar para pensar, lembrar para entender. Todas nós sabíamos muito bem o que estávamos fazendo. Ali, naquela guerra.

Cena 1

(Enquanto Stanislawa desce as escadas, sua família a aguarda na sala. Ao vê-la, eles se preparam, pegam um bolo com vela - de 80 anos - acesa e cantam animadamente o parabéns a você. Ela escuta, vem descendo, para no antepenúltimo degrau. Ali se senta, com certa dificuldade, no degrau especial, e dali ouve o final da canção, sempre com o livro apertado contra o peito. Acabada a canção, seus familiares estranham que ela não termine de descer a escada para apagar as velas. Seu sobrinho se adianta.)

Sobrinho

O que foi? Tia?

(Ela não responde; não está triste.)

Não vem apagar as velas? Vai acabar a chama, vem!

Stanislawa

Não, podem deixar queimar. Vamos deixar queimar, desta vez.

(Todos acham estranha a atitude dela, mas resolvem não interferir. As velas queimam até o fim, enquanto ela declama:)

“Num coração triste, cinzas amargas

Numa xícara escura, um sonho silencioso

Quem não bebeu de uma xícara escura

Com cinzas amargas no coração

Quando na xícara havia um sonho silencioso?”

Sobrinho

Quer ajuda para descer? Eu te ajudo.

(Ele vai subir alguns degraus, mas ela o impede:)

Stanislawa

Não precisa, não precisa, eu posso descer sozinha.

(E fala, ainda sem descer:)

Minha família. Obrigada por virem. Meus oitenta anos. Finalmente.

(Mostra o diário.)

Tenho um presente pra vocês.

(E, então, se levanta, depois de olhar bem para o degrau, desce as escadas, se junta aos seus, senta-se. Ela abre o diário sob os olhos de todos, e lê:)

“Não consigo me conformar com a ideia de que já estamos em 1943, o quarto ano deste nosso inferno, nessa Polônia que se desfaz. Os dias passam rapidamente, um parecido com o outro, como se fossem gêmeos. ”

(Ela pula três páginas com um gesto de quem não hesita, de quem sabe onde está cada palavra, e continua lendo:)

“O círculo se fecha cada vez mais em torno de nós. No mês que vem o gueto será fechado, será um verdadeiro gueto, com muros de pedra. Quando isso acontecer, não poderei mais conversar com Stanislawa Sapinska”.

Este é o diário de minha amiga Rutka Laskier. Eu esperei muito por este momento. Guardei-o por sessenta anos. Agora chegou a hora. Sua família morava nesta casa, ela tinha 14 anos, eu tinha 20, mas a gente se dava muito bem, ela era espertíssima e muito inteligente. Sabia de tudo, sabia do que estava

acontecendo com sua família, com os judeus na Polônia, com a guerra. Sua família era comunista, acho.

(Abre uma página, lê, e aos poucos vai se soltando do papel, imiscuindo as falas de Rutka e as dela própria como se fossem uma só.)

Ela sabia de tudo, olhem só: *(lendo)* “De toda maneira, já estou tão saturada pelos horrores dessa guerra que as piores notícias não me causam mais qualquer impressão. Simplesmente não consigo acreditar que ainda chegará o dia em que poderei sair de casa sem a *judensztern*”, *(fala a todos)* *judensztern* era a braçadeira branca com a estrela de Davi, que os judeus na Polônia eram obrigados a usar, antes da estrela amarela, que veio depois. *(Lendo:)* “Não consigo acreditar que um dia a guerra terá um fim... Estou curiosa de saber como isto iria acontecer. Certamente eu ficaria louca de tanta alegria, mas no momento temos que pensar no agora, ou seja, no gueto. Logo, não vai mais ser possível se encontrar com ninguém. Meu Deus como vai ser isso? Ai, ai, acho que endoidei de vez: eu invoco o nome de Deus, como se ele existisse! Aquela pequenina dose de fé que um dia eu já tive se esvaiu por completo. Se Deus existisse, certamente não permitiria...” *(Fala a todos)* E então ela vai contar o que sabia, das pessoas vivas atiradas aos fornos, das criancinhas, do gás, dos velinhos, ela sabia de tudo, já! Já sabia! Ela sabia mais do que eu, eu que tinha mais acesso a informações, que tinha liberdade para caminhar por onde quisesse. *(Lendo:)* “Isto tudo soa como uma história da carochinha e os que não a presenciaram não irão acreditar; mas não é uma história, e sim a mais pura verdade”. *(Fala a todos)* Eu vi, eu me lembro de uma coisa que vimos juntas, de um velinho pequeno que eles espancaram até ficar inconsciente, só porque ele atravessou a rua de forma errada. *(Fala como que consigo mesma)* Eu escuto

minha voz contando isso... relembro das imagens, como se fosse ontem. *(Fala a todos, com excitação crescente e muito emocionada)* Eu não vi quase nada, eu estou aqui com vocês, e já é tão difícil, esperei sessenta anos para tentar dar o mínimo... o mínimo... eu guardei o diário, precisava que o tempo desse condição... *(Lendo:)* “Algo se partiu dentro de mim. Quando passo ao lado de um alemão, fico completamente tensa, não sei se de medo ou de ódio”. *(A todos)* O que ela poderia fazer? *(Lendo:)* “Fico com vontade de atacá-los, atormentar suas mulheres e filhos também, que jogam seus cãezinhos nas ruas contra nós...” *(A todos)* Como pôde?, ela via tudo, e o que ela via... como poderiam resistir?... era preciso, seria preciso que os judeus, que todos... também os poloneses... também nós...

(Fica muito cansada pela intensidade do que diz, está emocionada)

Eu preciso de um copo de água. Não, vinho, talvez; tem vinho?

(O sobrinho busca uma taça de vinho, enquanto ela toma ar.)

(Enquanto isso, entra Rutka. Ninguém a vê, somente Stanislaw. Ela se levanta e vai ter com a amiga.)

Stanislaw

Rutka, eu guardei o diário, e agora vou mostrá-lo, como me pediu. Eu cuidei bem dele. Eu tenho você aqui, comigo.

Rutka

(Fala com a plateia e com Stanislaw, um pouco alheia a tudo, num estado intermediário entre o lembrar e o comunicar-se, metade fora, metade dentro.)

Hoje, eu estou me sentindo meio esquisita. É como se estivesse tomada por uma certa alegria, por um sentimento de felicidade que não consigo interpretar. É como se eu tivesse sido invadida por toda a alegria de um infinito inatingível. E, o que é mais importante que tudo, não sinto saudades, nenhuma. Sinto que me sentiria aliviada se tivesse a possibilidade de estar num belo lugar, contemplando uma paisagem deslumbrante. Quando estou às margens de um rio e observo a correnteza murmurante, sinto que algo em mim se eleva e voa para longe, bem longe...

Stanislawa

(Fala com Rutka)

Depois que acabou tudo, estava tudo destruído, tudo saqueado, os prédios todos queimados... eu vim até aqui. Seu diário estava mesmo no degrau, intacto como um presente que aguardava. Eu queria ter vindo antes para buscar. Eu queria ter podido fazer alguma coisa...

Rutka

(No mesmo estado anterior.)

Algumas pessoas tentaram fazer resistência no gueto, mas foi tardia. A gente não conseguiu fazer nada antes, acho que porque ignorava e desprezava a violência. Era preciso aprender, ainda. Não se preocupe por isso.

Stanislawa

Eu guardei até agora, esperando o momento que todos pudessem dar atenção para as suas palavras. Os sobreviventes da guerra estão, como eu, chegando aos oitenta anos. Os sobreviventes estão terminando. É preciso lembrar, de novo. Eu conheci você.

Rutka

As ruas tinham um cheiro bom de pão fresco, de arenque salgado. Na praça, os homens conversavam, gesticulando muito, sobre tudo o que acontecia. As mulheres, os cabelos protegidos pelos lenços coloridos, lavavam as roupas em pátios estreitos, no mesmo lugar em que brincavam as crianças pequenas. Do lado de fora dos pátios, nós, os adolescentes, perseguíamos uns aos outros alegremente, com os cabelos soltos ao vento dançando ao ritmo de nossos passos. Empurra-empurra no mercado, vendedores de galinhas, de jornais... Esse mundo não existe mais, minha amiga Stanislawa. O que você tem em mãos são notas sobre aquele mundo sendo destruído. A gente sabia o que estava acontecendo. Foi o momento mais importante da minha vida.

Stanislawa

(Que estava observando atentamente a amiga)

Eu fiquei tentando lembrar do seu rosto todo esse tempo, eu quase esqueci desses olhos grandes...! O tempo todo eu pensava: “meu Deus, por que não tiramos uma foto juntas?”

Rutka

Eu não costumo ficar bem em fotografia, mas sou, na realidade, bem bonita. Faço uma detalhada descrição da minha pessoa:

(Stanislawa procura no diário a fala correspondente ao que fala a amiga, e por vezes fala junto com ela algumas palavras, lendo.)

Sou alta, esbelta, com pernas bonitas e cintura bem fina. Pareço ter mais que quatorze anos. Minhas mãos são longas, mas dotadas de unhas feias – mais precisamente, maltratadas. Tenho olhos grandes, sobrancelhas grossas e cílios compridos, bem compridos mesmo. O nariz, pequeno e levemente arrebitado. Um par de lábios bem delineados e dentes branquíssimos – e eis o retrato

completo! Gostaria de poder colocar no papel tudo o que sinto no meu interior, mas não consigo de forma alguma. E agora vou me descrever sob o aspecto moral. Dizem que sou inteligente, bastante instruída, muito embora nunca tenha estudado, ou melhor, nunca fui dedicada aos estudos. Tenho um humor oscilante, e há ocasiões em que fico numa tal melancolia que só abro a boca para machucar alguém.

Stanislawa

(Ri dessa última frase, interrompe um pouco a amiga)

O que é isso...? Imagina...! Machucar nada, eu adorava estar com você. Você sempre foi uma ótima companhia!

Rutka

Mas teve um dia em que eu a maltratei, eu mandei você ir embora.

Stanislawa

Não foi nada, você estava nervosa, e com razão. Sua turma de amigos vivia furando os compromissos, naquele dia você estava furiosa! *(Ela ri)* Tirou o batom com força, ficou tudo borrado, eu dei risada por achar graça... e você ainda tropeçou e caiu, tinha neve, molhou o vestido... e eu fui ajudar e caí também...!

Rutka

Como era possível não ficar furiosa? Principalmente com o Janek, que, em vez das quatro e meia, veio às três e meia. E foi embora antes de eu chegar.

(Com raiva) Eu gostaria tanto que...

Stanislawa

(faz um leve carinho na amiga, e fala junto com ela)

“Um sofrimento físico passa, a dor moral permanece”.

Rutka

Sim.

Mas já em outras ocasiões, como hoje, por exemplo, estou transbordando de alegria e poderia passar o dia inteiro rindo. Eu me visto de uma forma amalucada, o que quer dizer que certa vez, por exemplo, saí de casa trajando calças compridas. *(As duas riem.)*

Na verdade, não dou muita bola para o que pensam de mim – sou como sou, e nada conseguirá me mudar.

Amanhã terei uma conversa séria com Janek. Vou lhe dizer que, se ele quer continuar a sair comigo, terá que ser pontual. Caso contrário – *adiós!*

(Rutka sai, Stanislaw a acompanha com o olhar.)

Sobrinho

(O sobrinho, que serviu a todos o vinho, traz agora uma taça para Stanislaw.)

Podemos fazer um brinde? Tia, podemos fazer um brinde ao futuro?

(Pausa)

Stanislaw

O que podemos pensar sobre o futuro? O que podemos vislumbrar a partir daqui, do dia de hoje? Lembrar. Lembrar. Que seja. Pamiętać, sdrowie!

Todos

Sdrowie!

Cena 2

Hannah

(Hannah tem sua máquina de fotografia antiga, num tripé. Ela se ajeita, arruma tudo para tirar a foto de si mesma, na frente de um espelho).

Estamos em 1938 e eu tenho 16 anos, agora.

(Imediatamente após dizer isso, o flash dispara e a foto é tirada)

Que tipo de pessoa eu sou? De maneira geral, acho que me conheço na medida do possível para uma jovem da minha idade, e, no entanto, tenho dificuldade de escrever sobre mim. Não confesso meus maiores defeitos. Gostaria de escrever com clareza e sinceridade... mas o tema é muito difícil.

(Ela acha graça do que diz, posiciona sua câmera para a plateia)

Tive uma ideia para um livro, ou uma peça, talvez. A ideia ainda não está clara. Pensei na vida de duas pessoas, dois mundos paralelos, sem que um saiba da vida do outro. Com isso, gostaria de expressar até onde podem ser opostos os interesses que unem as pessoas.

(Ela tira uma foto da plateia)

Se eu for capaz de escrever algo assim, mesmo que seja daqui a algum tempo, valeria a pena, para ver se sei escrever de verdade, saber se posso ser uma escritora. Ainda falta confiança em mim mesma.

(Ela posiciona a câmera para seu diário, arruma-o sobre uma mesinha. Quando volta para bater a foto, diz:)

Na realidade, não tenho nada de novo pra escrever. Tenho o diário à minha frente e nada mais a fazer. Outro poema?

(Ela se posiciona ao lado de seu diário, numa posição boa para a plateia também, formando um quadro a respeito de si mesma.)

Já dá para ouvir a canção primaveril

E minha alma também achou sua voz

O sol aquece tudo lá de cima

Violetas desabrocham

Como o meu coração

E, de repente, estou apaixonada.

Não sei como este sentimento veio a mim

Talvez tenha sido o encanto da primavera

Não questionarei quando foi, nem por quê

Estou apaixonada – mas pelo amor

(À plateia:)

Será que algum dia serei escritora?

(Tira finalmente a foto de seu diário sobre a mesa)

Chegou o momento de fazer um exame de consciência. Não sei como isso tudo terminará. Só sei que o ser humano não deve se conformar consigo mesmo.

(Vai até a mesinha e pega outro diário, um novinho em folha.)

Bem, começo aqui - um tanto emocionada, é verdade - um novo diário. Quero lembrar, nesta oportunidade, o Sr. Tót, meu professor de húngaro, de Dómbovar, perto daqui, que há quatro anos me induziu a escrever um diário. Ele me disse que escrever um diário seria uma recordação tão gratificante que, em caso de incêndio, eu correria para salvá-lo antes de qualquer coisa. *(Pequena pausa)* É provável que ele tivesse razão.

Mas não interessa escrever um diário sobre acontecimentos, coisas do cotidiano. Importa escrever a respeito de ideias. Diários de ideias. Não um diário como os das outras meninas que eu conheço, mas de princípios, maneiras de olhar o mundo. E também poemas, que são jeitos de olhar o mundo, também:

(ela vai e escreve, ao mesmo tempo em que fala o que escreve:)

A vida é só um dia curto e fugaz
uma folha toda escrita com esforço e sofrimento.
O homem se dirige a um lado e a outro
Cores e imagens brilharam
A vida passou e já não está.

(assina:)

Hannah Senesh.

Meu nome é minha herança.

Preciso dizer: hoje aconteceu uma coisa desagradável. Na escola, fui indicada para o cargo de líder do grupo de estudos independentes. Geralmente o grupo aceita um membro eleito pela classe, mas nesse caso pediram nova eleição e indicaram duas outras moças, com o objetivo claro de impedir minha eleição por eu ser judia. *(Ela pega um papel de sua bolsa de escola.)* Aqui está o comunicado. Caso não tivessem me indicado, eu não teria reagido, mas dessa forma foi uma ofensa. No futuro, não participarei mais das atividades do círculo, e também não darei mais minhas opiniões. Vão ter que se virar sem elas.

É muito difícil encontrar o caminho certo sem submissão nem arrogância. Uma pessoa deve estar sempre alerta e medir cada um de seus passos, pois seus erros repercutem imediatamente na coletividade. Parece-me impossível lutar contra o antissemitismo apenas com base nas minhas condições individuais, condições morais, obviamente.

(Ela acende um fósforo, e queima o comunicado.)

Vejam: se eu fiz alguma coisa, é porque sou judia. Se eu deixei de fazer, é porque sou judia. É o tipo de coisa que jamais irão deixar você esquecer que é.

Esta é a luta mais difícil.

Mãe

(pergunta, de fora:)

Hannah! Que cheiro é esse?

Hannah

Nada, mãe, já vai passar, está tudo bem, não é nada.

(Ela abana um pouco o ar. Fala para a plateia:)

Agora eu começo a perceber o que é ser judeu aqui na Hungria, numa sociedade cristã, apesar de não me importar tanto pessoalmente. O fato de que nós, judeus, devemos lutar assim por nosso direito à existência, e que tenhamos que alcançar nossos propósitos encarando enormes dificuldades... isso determina nosso desenvolvimento, nossa vontade de superação. Percebi isso, agora.

Meu nome é minha herança.

Mas, por sorte, hoje aconteceram coisas boas também. Pedro telefonou e perguntou se pode me visitar. Combinamos de nos encontrar no domingo antes do almoço. Ai, às vezes meu diário parece com os das outras meninas.

(Sai correndo, meio saltitante, e pega vassoura e pá para limpar a sujeira que fez com o papel queimado.)

(Chegam Pedro, Reuven e Yoel)

Pedro

Eu vim até à casa de Hannah. Depois do almoço nós fomos passear, caminhamos pelas margens do Danúbio, tudo muito bonito, tudo perfeito.

Conversamos sobre muitas coisas, ela é muito inteligente; ela tem um diário, escreve muitas coisas nele. Eu perguntei a ela: “e eu?” Ela não entendeu, ou fez que não entendeu, “você, o quê?” E eu, “você escreve sobre mim no seu diário?” Ela disse que não, que um diário é para ideias, para pensamentos, e que se eu tivesse um pensamento interessante ela com certeza o colocaria lá, e que eu deveria ter um diário também... aí eu disse “eu tenho um pensamento interessante: eu te amo”. Ela sorriu um sorriso aberto, de quem parece que já sabia daquilo. Eu devo ter demonstrado antes, sem querer; como ela iria saber? Ela sorriu. Foi amável.

Hannah

(responde do lugar onde está)

Fico feliz por ouvir isso, de verdade.

Pedro

Fica?

Hannah

Fico, obrigada. Mas eu não tenho o direito de mentir. Eu não amo você. Estamos muito próximos, isso é muito bom. Gosto muito de estar em sua companhia.

Pedro

(Fala com a plateia)

Mas não era suficiente. Hannah, mesmo aos 17 anos, tinha já um espírito livre, ela.. não sei como explicar direito... ela não pensava.. ela não conseguia pensar só em si mesma, ela pensava nela e no mundo, queria fazer algo, queria que sua vida não passasse em branco.

Hannah

Folheando o meu diário, cheguei à conclusão de que não esclareci devidamente o que aconteceu com Pedro. Em resumo: já estava entediada, percebi que ele esperava mais sentimento de minha parte. Não fui muito simpática com ele, e ele percebeu. Ponto final! Não me arrependo de nada. Os estudos até agora vão muito bem. Tirei notas ótimas. De modo geral estou muito satisfeita com tudo.

Pedro

Eu a vi fechar o portão de casa atrás de si, ela ainda se despediu da porta com outro sorriso. Foi uma pena pra mim. Mas eu entendo, entendi tudo, depois. Ela nasceu para voar; não fosse uma moça seria um pássaro, com certeza.

Yoel

No dia em que eu conheci Hannah, ela já morava em Tel Aviv. Havia saído da Hungria há quatro anos. Eu estava indo para a escola de paraquedismo, eu pensava “amanhã ou depois saltarei pela primeira vez do avião e o paraquedas não abrirá; ele não abrirá, não abrirá... e eu saltarei sem salvação, sem freios.” Desta vez não era um sonho do qual eu acordava vivo. Sabia que não podia demonstrar aquele medo para ninguém, e também não podia recuar. Já não era dono de mim mesmo, a guerra estava em seus piores momentos, eu era responsável por um assunto de interesse geral. E continuei a repetir para mim mesmo: “não abrirá, o paraquedas não abrirá!”

Quando chegamos, já quase de noite, o escritório estava deserto. Não encontrei quem procurava. Mas havia uma moça estranha sentada ali, coberta pela penumbra do crepúsculo. Era Hannah, depois eu soube. Ela disse pra mim que esperasse um pouco. Sentei, tirei um cigarro enquanto a observava furtivamente. Ela era alta, tinha belas pernas compridas. Havia algo terno e atraente na

maneira como suas mãos se apoiavam sobre a mesinha. Era soldada da força aérea. O uniforme combinava com seus olhos, os cabelos caíam em cachos abundantes e suaves ao redor de seu rosto delicado e comprido. Gostei dela. Toda ela agradável de se ver. Nós nos apresentamos. Nossos olhares se uniram profundamente e sem palavras soubemos que nos vincularíamos com um laço mais profundo que o do amor: o pacto que une os lutadores no *front*, os companheiros de armas. Parece que ela entendeu que eu tinha medo de saltar de paraquedas, e me disse: “eu já terminei o curso, não é nada. Você sobe no avião e salta, e em seguida já está sobre o solo. A vista da cidade, lá de cima, é uma emoção inesquecível. Você vai ver, é um deleite.” Ela falava de forma tão simples e natural, como se tratasse do café da manhã que havia tomado naquele dia! Eu fiquei com vergonha. Será que ela não teve medo, no começo, como eu? Era reconfortante saber que ela seria minha companheira nessa viagem tão longa e difícil.

Reuven

Eu tive o privilégio de fazer parte da delegação de Hannah que partiu para a terra dos Partisans durante a Segunda Guerra Mundial. Estivemos juntos por dois meses, até ela cruzar a fronteira para a Hungria e cair nas mãos dos nazistas. Vi Hannah pela primeira vez na reunião sobre os detalhes da missão dos paraquedistas. Ela me chamou a atenção, a única jovem do grupo; tinha uma vivacidade, uma compreensão de todos os problemas do plano...! Era incrível! Nunca esquecerei, no dia seguinte, a discussão que irrompeu entre ela e Enzo, sobre a existência de Deus. De um lado aquele homem maduro, experiente, conhecedor de filosofia, que sustentava com entusiasmo a existência de Deus. E

do outro lado estava Hannah, a jovem de 22 anos que a negava completamente, com uma lógica aguda e muito clara. Foi então que surgiu em mim uma dúvida: “Nossa, seria eu capaz de trabalhar com aquela moça que tinha, além da firmeza de uma rocha, tamanha obstinação e fanatismo?” Eu ficava perplexo: de onde essa jovem sem experiência tirava tanta autoconfiança? Seria impossível discutir com uma pessoa tão resoluto! Ela não cederia nem um milímetro! O Enzo me disse: “é verdade que não será fácil trabalhar com ela, mas nunca se esqueça: trata-se de uma jovem extraordinária.”

Hannah

13 de março de 1938. Daqui a quatro meses terei dezessete anos. Falta pouco...! Hoje devo escrever sobre duas coisas: os acontecimentos políticos e o baile de ontem à noite. Sinto que a política é mais importante. Começaremos por ela.

Os acontecimentos provocaram entre nós uma grande excitação; tanto na escola quanto nas ruas se fala única e exclusivamente desse tema: decretará a Tchecoslováquia uma mobilização para defender os Sudetos? Que dirão a Inglaterra e a França? – acaba de estourar uma crise no governo da França. A quem a Itália vai se aliar, com o Sr. Mussolini fascista? E, afinal, que será de nós, à mercê de um povo cruel de setenta milhões de pessoas que se expande aqui para o Leste? Enquanto isso, Hitler chegou a Viena. Apesar de minha antipatia, devo confessar que ele faz as coisas com muita rapidez e valentia.

E agora contarei sobre um acontecimento muito mais lindo e alegre: ontem fomos convidados, uns quarenta jovens, para um baile na casa da Lucy. Depois da chegada, chegou a hora da dança, da comida, da cantoria, tudo num

ambiente muito alegre. Apesar de mamãe ter me pedido que não dançasse muito, não pude evitar: dancei demais e me senti... esplendidamente bem.

(fecha seu diário por hora, e vai saindo. Mas volta)

Ah!, só mais uma coisa. Não me lembro se já mencionei que sou sionista. Essa palavra tem muito significado. Direi, brevemente, o que significa para mim: sinto que sou uma judia consciente e o sou de todo coração. Orgulho-me do meu judaísmo e meu propósito é ir a Israel e participar do processo de sua construção. Minhas intenções não estão suficientemente claras ainda, não sei qual profissão escolherei. Mas uma coisa eu quero: ir para Israel, trabalhar não somente para meu benefício próprio, senão em prol do povo judeu.

(ela sai)

Cena 3

Agnès

Ontem eu não poderia pronunciar as palavras “Paris será tomada”. Hoje, elas são ditas quase naturalmente. Paris foi tomada, os nazistas já chegaram: estamos em junho, 1940. Com a mente quase serena, pensando que os aliados recuaram somente para se organizar melhor, que a guerra não vai se desenvolver, deixamos Paris em direção ao Sul. O dia está lindo, mas tem muita fumaça. Dizem que esta fumaça é de propósito, para proteger a saída dos parisienses, que não é fumaça de bombardeio ou de incêndio. Eu finjo que acredito, nessa fumaça tão bem feita...! Saímos, de qualquer maneira.

Imaginem milhares de pessoas, a pé, de bicicleta ou de carro... carros logo abandonados por falta de gasolina... aquelas mães carregando crianças pequenas... Será que um dia esquecerei uma jovem, exaurida, empurrando um

bebê grandão, entalado num carrinho de boneca, ameaçando cair a qualquer momento? Toda essa gente aturdida, com bagagens em que sempre se podia ver um balde de esquentar roupa ou uma gaiola de passarinho. Uma moça foi atropelada por um caminhão militar francês, não havia como socorrer, não havia para quem telefonar; ela se chamava Émilienne, e era muito bonita. Seguindo, já em Valençay, ouvi os gritos de uma mãe totalmente enlouquecida. Perdeu as duas filhas, procura por todo lado, em meio à multidão que se arrasta para o Sul. Foi lá em Valençay que soubemos do pedido de armistício. A França se entregou. Os homens à minha volta choravam, em silêncio. Quanto a mim, desci do carro e bati o pé, aos gritos: “Não é verdade, isso não é verdade, é a rádio alemã querendo acabar com o nosso moral... Não é verdade, não é possível...!” Ainda ouço a minha voz como se fosse a voz de outra mulher. Mas era preciso entender, aceitar: era verdade.

No posto de gasolina militar, em Limoges, esperamos nossa vez de abastecer durante horas e horas. Seis enormes bombardeiros italianos atravessaram o céu. Sei muito bem o que aconteceria conosco se uma bomba caísse ali, com aquela gasolina toda. Mas tudo me era indiferente, estava cansada demais, desanimada demais. Não sentia nada; nem medo, nem angústia alguma. Ainda tinha duas laranjas.

(Ela vai até um rádio, sintoniza o dial, encontra uma fala do General de Gaulle, ouve.)

Ouvindo aquilo, ouvindo aquele De Gaulle entrecortado e de péssima dicção, mas cheio de força, eu decidi voltar a Paris. Era preciso resistir! Renasço: um sentimento que considerava morto pra sempre revive em mim: a esperança. É como escreveu Romain Rolland: “O pessimismo da inteligência não deveria

abalar o otimismo da vontade"! Eu disse, como diz quem escreve no coração: "Está decidido: aconteça o que acontecer, vou voltar para casa. Vou fazer a resistência."

(Ela arruma umas coisas, poucas; põe numa bolsa e, decidida, sai.)

Cena 4

Hannah

Meu querido irmão Guiora, tome muito cuidado aí na França. Veja se consegue escrever, preciso de notícias suas. Quero muito que venha para cá, Israel é um lugar maravilhoso, o clima, as pessoas, o sonho da pátria para o nosso povo. Fiz muito bem em vir estudar aqui. Dê notícias, irmão, tome cuidado, venha logo, estou tratando de conseguir os papeis para você e também para mamãe.

Já estou me comunicando bem em hebraico, mas não sei se conseguirei escrever poesia. Tentei este poema, veja só, mas não quero continuar:

Nosso povo lavrará o solo escuro

Juntando toda a cevada dourada que houver por perto.

E quando de espigas o chão estiver coberto

Nossos rostos refletirão o ouro puro.

Venha logo, irmão querido. Desculpe pelo poema ruim.

Cena 5

Agnès

Já faz uma semana que retornei a Paris. No trem, soldados alemães exigem que meus documentos tenham foto. A situação é idiota e fico com os nervos à flor da pele.

Hannah

“O sionismo é o movimento do povo judeu em prol de seu ressurgimento”. O problema judaico no mundo é uma doença que não pode ser combatida com palavras, nem como uma ação superficial, deve-se curá-lo pela raiz. Eretz Israel pode se tornar uma ilha no mar de desespero do povo judeu.

Agnès

No portão do Palácio de Chaillot, um cartaz avisa que a entrada dos museus é gratuita para os alemães. Na biblioteca, os autores alemães já estão em todas as prateleiras. Eu tento encontrar nas livrarias, empacoto e escondo livros agora proibidos. Quer dizer que não temos mais o direito de ler o que bem quisermos, não temos mais o direito de falar?

Hannah

O objetivo da minha vida e meu destino me ligam a Israel. Não quero simplesmente viver, quero cumprir uma missão. Mãe, espero que esteja bem aí em Budapeste, quero muito que venha logo viver aqui.

Agnès

Ouçõ dizer que Jean Cassou também voltou a Paris. Vou vê-lo imediatamente. Ele também envelheceu. Parece ter encolhido, mas o sorriso continua o mesmo. Comparamos impressões, elas são similares. De chofre, confesso porque voltei, explico que me sinto enlouquecer no sentido fisiológico do termo – enlouquecerei se não fizer alguma coisa para reagir.

Hannah

Nosso trabalho na escola recomeça à uma e meia, depois do almoço. Temos, portanto, uma hora de descanso. Ontem aproveitei essa hora para lavar o cabelo. Hoje, me deitei, estudei, li suas cartas e voltei ao pomar. Trabalho na lavanderia, um trabalho simples e, falando com franqueza, devo dizer que não tem grande valor do ponto de vista do aprendizado. Aprendi a lavar e passar.

Minha saúde vai bem.

Agnès

O único remédio que temos é juntar uma dezena de companheiros, nos reunirmos em dias fixos a fim de trocar notícias, redigir e distribuir panfletos e fazer resumos das transmissões das rádios francesas de Londres. Não nutro grandes ilusões quanto à eficácia da nossa ação, mas o saldo já será positivo se conseguirmos manter a nossa sanidade mental.

Hannah

Às vezes as companheiras me perguntam se sinto saudades de casa. Sempre respondo que não, e é verdade. Não sinto falta nem do ambiente em que vivi, nem das condições de vida que tinha em casa. Mas minha mãe e meu irmão me fazem muita falta. Amo este país, ou melhor, quero amá-lo, pois não o conheço o suficiente.

Agnès

Marcel Abraham, Jean e Colette Duval, os editores Émile-Paul: já somos sete, agora. Marcamos encontro para a semana seguinte e volto pra casa com o coração menos pesado.

Hannah

Valeu a pena vir, pois aqui adquiri a sensação maravilhosa de que sou um ser humano que possui igualdade de direitos e que vive em sua “casa”. Um milhão de beijos, com amor infinito.

Agnès

Não estamos sozinhos, existem outros que pensam como nós, que sofrem, que organizam a luta. Logo uma rede se estenderá por toda a França.

Hannah

Para mim está claro que os únicos meios que têm influência no mundo, hoje em dia, são as manifestações nacionais, a força, as armas. Mas esses meios ainda não estão em nosso alcance aqui em Israel.

Agnès

Christiane Desroches, Claude Aveline, Jean Aubier, já somos dez “franceses livres da França”.

Hannah

É como se eu estivesse tomando decisões sobre minha vida e meu destino e não entendesse de que se trata!

Agnès

O russo Boris Vildé, guardem esse nome, ele traz a revolução dentro dele.

Hannah

Anseio por um amor verdadeiro.

Agnès

Panfletos são copiados e distribuídos. Eles são “esquecidos” por nós em trens do metrô, nas caixas de correio, e olhos ávidos os encontram e leem.

Hannah

Dentro de mim se encontram o sim e o não, a atração e a repulsa, o egoísmo e o companheirismo.

Agnès

Alguns de nós são despedidos, vários franceses são presos sem motivo. Eis o regime de terror que aguardávamos!

Hannah

Lá fora resplandece o céu azul da Terra Prometida, a paz e a tranquilidade reinam em todas as direções. Queria gritar para o aparelho de rádio: “silêncio! Não é verdade! Seus gritos guerreiros sobre mortos e feridos em massa são mentira e falsidade! São mentiras suas notícias de bombardeios e destruições na Europa!” Quem se atreveria a querer isso, a fazer isso? Quem pode compreender o papel histórico desse holocausto?

Agnès

Agora nosso jornal está pronto: seu nome será “Resistência”. Agora sim!

Hannah

Se conseguirmos viver mais dez, quinze anos, veremos para que foi preciso tudo isso. Ou por acaso são precisos cem anos para que a vida se transforme em história?

Agnès

Meu último feito: bato à máquina, em letras vermelhas, numa nota de cinco francos, azul e branca, as palavras “Viva o general De Gaulle”. Ninguém vai jogar fora uma nota de cinco francos.

Hannah

Meu querido irmão, talvez você tenha razão em dizer que o que aprendo aqui é perda de tempo. Mas não me arrependo de minha escolha. Creio que mudei

muito, para melhor. Vamos dizer assim: quando vim pra cá, eu tinha apenas cabeça. Agora, tenho também mãos.

Agnès

Nossa resistência logo será a luta libertadora! Milhares de parisienses desconhecidos!

Hannah

Há um vazio ao meu redor. Queria cavalgar, encontrar pessoas!

Agnès

Nosso amigo Ithier foi preso.

Hannah

Talvez vá soar estranho, mas eu queria romper as barreiras que aprisionam meu corpo, voar entre os campos, sentir o vento em minha face, e com o vento pronunciar palavras que não se pronunciam.

Agnès

Nordman se defendeu com muita dignidade, foi condenado só a dois anos. Tendo se declarado culpado, afirmou odiar o hitlerismo por três motivos: por ser francês, por ser judeu e por ser socialista.

Hannah

O que há comigo?

Agnès

Vildé desapareceu.

Hannah

Eu e a vida real, só nós poderemos resolver os meus dilemas.

Agnès

Acabaremos todos na prisão, sabemos disso.

Hannah

A Iugoslávia também caiu. Ninguém ousa perguntar: que será de nós se eles chegarem até aqui?

Agnès

“Sra. Agnès Humbert?” “Sim?” “Polícia alemã. A senhora está presa.”

Hannah

Talvez eu devesse dizer “basta!” mas não é o meu papel. Não tenho os recursos nem os conhecimentos concretos, e mesmo que tivesse coragem ninguém me daria atenção...! Não tenho como fazer nada, mas também não consigo ficar observando de longe sem agir. É como um pesadelo: eu quero gritar mas as palavras não saem.

Agnès

Por que olhei o relógio? Ele marcava meio-dia e vinte. Disse a mim mesma, como uma tola: “você foi presa ao meio-dia e vinte.”

Hannah

Não temo por minha vida. Ela é importante, mas existem coisas mais importantes do que ela.

Cena 6**Agnès**

Cá estamos nós, na prisão de Cherche-Midi, em Paris.

(Sua bolsa e outros pertences são arrancados de suas mãos. Ela não reage, como se já soubesse. Uma porta pesada, como as de prisão, é fechada atrás dela. As dimensões de sua cela são mínimas.)

É óbvio que por enquanto meu diário acaba aqui. Não me deixarão escrever. Mas minhas lembranças serão tão claras a partir de agora que poderei escrevê-las depois numa ordem muito rigorosa. Bastará reviver lentamente cada página da minha memória. É o que farei, assim que acabar esta guerra e eu pisar no assoalho da minha casa, de volta. É o que farei, pois vou sobreviver.

São oito da noite. Comi pela última vez ontem, à noite. As sete horas e meia de interrogatório me deixaram com um buraco no estômago. Já nesta cela, eu aviso:

(fala de maneira altiva)

- Estou com fome! Preciso comer alguma coisa!

Guarda

(de maneira grosseira)

Isto é uma prisão, não é um hotel. A última comida é servida às quatro da tarde. Só amanhã.

Agnès

Que não é um hotel... isso eu já sabia.

(A porta atrás dela se entreabre e aparece uma mão, em mangas verdes de uniforme, e lhe estende um pedaço de pão.)

(Agnès fala, muito agradecida)

- Obrigada! Muito obrigada!

Imediatamente me arrependi do tom agradecido do meu “obrigada”, que saiu tão depressa da minha boca, mas estou faminta demais para demonstrar dignidade.

(ela procura algo para beber, encontra uma caneca ao lado de um balde, bebe a água da caneca, com avidez. Já um pouco mais satisfeita, olha sua cela: além da caneca e do balde para fazer as necessidades, há também uma bacia de esmalte marrom avermelhado, uma pequeníssima mesinha de madeira branca,

um tamborete e uma cama, cujo estrado foi substituído por três tábuas sobre as quais se assenta um colchão de palha fininho. Um cobertor completa o “conforto” da cela. Ela sentenciar, a respeito de sua cela:)

Um genuíno armário francês.

(Observando um pouco mais, ela nota que acima da porta, bem no alto da parede, um basculante deixa entrar certa luminosidade. Ela, então, sobe no tamborete e calcula se é possível observar algo por ali, qual a distância do basculante de suas mãos esticadas, etc. Depois desce, apaga e acende a única lâmpada da cela, senta-se na cama, respira. Experimenta deitar, totalmente vestida.)

Esta cela deve ter o tamanho de uma tumba. Me deitaram numa tumba. Lá no alto, por cima de tudo, há uma lápide: “Aqui descansa Agnès Humbert, morta em 15 de abril de 1941”. Deve haver flores, também; sim, há flores.... “Aqui descansa...” Não, que idiotice. Não vou ficar pensando em bobagens desse tipo.

(Ela se senta na cama. Logo depois, ouve sussurros e uma voz de homem. Ela corre até à porta e gruda seu ouvido nela:)

Jean- Pierre

Boa noite, gente.

Várias mulheres

Boa noite, Jean-Pierre.

Jean- Pierre

Vamos ficar calados, esta noite é o Fernandel que está de guarda.

Agnès

(achando curioso)

Fernandel..? Não é possível que nosso famoso comediante tenha se tornado carcereiro...!

(a luz de sua cela se apaga. Ela se deita e tenta descansar)

Cena 7

Hannah

21 de setembro de 1941, véspera de Rosh Hashaná, o ano novo judaico. Há dois anos fui embora de casa. Dois anos longe de minha casa na Hungria, da minha mãe; três anos longe de meu irmão Guiora, dois anos aqui em Eretz Israel. Penso muito neles, com uma espécie de medo e incerteza horrível: será que voltarei a vê-los? E quando? É difícil dizer o que eu falaria a eles se nos encontrássemos. Contaria sobre esses dois anos, sobre meus sonhos, meus planos e minhas dúvidas? Poderia sim contar o que senti ontem: uma pressão forte, grande! Poderia chorar. Porque senti que estou diante de dois caminhos: buscar minha felicidade particular sem prestar atenção nos erros à minha volta, ou investir energias numa guerra destruidora e difícil em prol de coisas que são, a meu ver, boas e certas. Mas será que tenho a força e a capacidade para realizar tudo o que quero? Será que o que eu quero é a coisa certa?

Em momentos como esse sinto mil vezes mais o dever de fazer algo grandioso e importante pela pátria, algo que pelo menos justifique o sacrifício que fiz ao deixar minha mãe e meu irmão.

Estou completamente só, independente e responsável por mim mesma. Isso é o que há de bom em minha vida neste momento.

(Ela se arruma, pega o papel do discurso e vai até um púlpito à sua frente. Fala como que a uma plateia muito grande)

Parece que faz pouco tempo que paramos pela primeira vez na estrada de Nahalal, entre os três prédios desta escola agrícola. E é difícil acreditar que já está na hora de dizer palavras de conclusão e despedida, em nome da classe, após dois anos de estudo e trabalho.

(Sons de muitos aplausos. Ela hesita em continuar, mas continua)

Este caminho nem sempre foi fácil. Houve obstáculos e desvios. Houve também discórdia. E ainda hoje não sabemos se alcançamos nossos objetivos. Ainda não tivemos experiência. O trabalho exigirá o melhor de nós.

Mas uma coisa sabemos desde já: estamos saindo para lutar pela paz, pelo trabalho, munidas de uma arma muito importante: nosso conhecimento do trabalho e uma profissão agrícola. Estas são as armas de que dispomos.

(Pausa.)

(Fala como que distante, como se só ela ouvisse sua própria voz:)

Uma voz chamou, e segui.

Segui, pois chamou-me a voz.

Segui, fugindo de um destino atroz

Mas na encruzilhada

Com fria alvura tapei meus ouvidos

E chorei

Pelo que havia perdido.

(Pausa. Ela retoma a plateia, que esteve em silêncio, e seu discurso)

E agora, gostaria de cumprimentar esta instituição, desejando que perdure ...

(O som dos aplausos já começa, vai crescendo, e aos poucos abafando as palavras do discurso de Hannah, que continua falando.)

... por muito anos e tenha seu espírito sempre jovem para que possa cumprir todas as suas difíceis e importantes funções, principalmente nessa época turbulenta, e para todo o sempre.

(ela sai dali, resoluta, ainda sob aplausos).

Cena 8

(Agnès está dormindo. Ela desperta com o som que vem das outras celas.)

Várias vozes de prisioneiros

Bom dia, Sylvie, bom dia Renée, bom dia Josette... dormiram bem? Dormiu bem, Line?

Jean-Pierre

Já deve estar na hora, devem ser oito horas.

Salve a bandeira.

(Assoviando, ele simula um toque de clarim. Um pequeno silêncio se faz e todas as vozes cantam a Marselhesa, em surdina. Agnès está muito surpresa com isso, não sabe o que pensar. Ao final, ela grita:)

Agnès

Viva o general De Gaulle!

(Um silêncio se faz. Em seguida, todos respondem, muito entusiasmados:)

Todos

Viva o general De Gaulle!

(Todos continuam a conversar, animados. Alguém – é Sylvie - começa a cantar Au clair de la lune, e logo depois se ouve um barulho das botas de alguém que chega, que agita um molho de chaves. Todos se calam imediatamente e um silêncio se faz. A porta de Agnès se abre.)

Guarda

Passe sua caneca e seu balde higiênico.

(ela o faz)

Agora limpe sua cela.

(atiram uma vassoura pequena. Agnès a pega)

Agnès

(Logo depois, alguém canta Cadet Rouselle.)

O pouco tempo que tive por aqui, já entendi como as coisas acontecem. Qual os horários das comidas, da limpeza, das rondas dos guardas... já entendi. Toda vez que soa um par de botas, alguém canta Au clair de la lune. Passado o perigo, ouve-se o Cadet Rouselle e as conversas são retomadas, fora de perigo. Jean Pierre é um oficial da marinha, instruído e muito espirituoso. Às sete horas, puxamos em coro o grito da casa: Vive La France!, repetimos três vezes.

Onde estarão meus companheiros de Resistência? Que tipo de tormento eles estarão enfrentando?

Jean-Pierre

(Fala de outro lugar, que Agnès não vê, muito gentil)

Se isso puder valer de alguma coisa, saiba que não está sozinha. Somos muitos, como você.

Agnès

Já percebi isso, obrigada.

Uma voz feminina e distante

Bem vinda!

Jean-Pierre

Você não é mais uma unidade, não faz mais parte do pessoal lá de fora. Agora estamos aqui.

Uma voz feminina e distante

Pergunte seu nome!

Jean-Pierre

As moças estão perguntando como se chama.

Agnès

Agnès. Você é Jean-Pierre, não?

Jean-Pierre

Sim. Prazer, Agnès.

Uma voz feminina e distante

Pergunte se ela é casada, se tem filhos!

Jean-Pierre

As moças estão perguntando se é casada.

Agnès

Sim e não. Fui e não sou mais.

Jean-Pierre

As moças estão perguntando quantos anos tem.

Agnès

Por quê?

Jean-Pierre

Querem saber, combinar sua idade com a voz que escutam, imaginar como você é.

Agnès

Tenho 47.

Jean-Pierre

E por que veio parar aqui?

Agnès

Não tenho a menor ideia, estava voltando para casa e fui presa.

(Escutam-se muitas risadas, que demonstram entender a resposta de Agnès)

Jean-Pierre

Sim, está certo. Vamos acreditar que você não sabe por que está aqui. Você tem alguma notícia lá de fora? Sabe o que tem acontecido?

Agnès

(Fala com a plateia)

Eu conto a eles tudo o que sei sobre o andamento da guerra. Já entendi, são companheiros os que estão aqui. Também fiquei sabendo, com ajuda de Jean-Pierre e dos outros, que alguns companheiros de Resistência estão aqui também, mas no terceiro andar.

Agora já sei que a voz bonita que canta *Au clair de la lune* é Sylvie. Que voz linda ela tem! Jean-Pierre me ensina como devo fazer para poder conhecer as outras prisioneiras, “pessoalmente”, digamos. Eu consegui ver Sylvie, hoje.

Jean-Pierre

Tem que ser entre meio dia e duas horas, quando os guardas estão ausentes. Pega a sua colher na mão direita...

(Enquanto ouve a voz dele, Agnès vai tentando realizar o que ele pede)

... agora pegue um barbante, ou um cadarço do seu sapato. Tem cadarço?

Agnès

Tenho sim, espera um pouco.

(ela tira o cadarço e segue com as instruções)

Pronto, podemos continuar.

Jean-Pierre

Agora sobe na cama, na mesa e no tamborete.

Agnès

Ih, espera mais um pouco.

(Agnès desce da mesa, põe o tamborete em cima dela, refaz os passos anteriores.)

Jean-Pierre

Pronto? Agora localiza o batente do basculante acima da porta. Põe aí as costas da colher e faz rodar o mecanismo do batente e abrir o basculante. Conseguiu?

Agnès

Consegui.

Jean-Pierre

Pronto, veja se consegue me ver. Estou aqui, olha!

Agnès

Onde? Onde?, não vejo!

Jean-Pierre

Aqui!

Agnès

Ah, olá, Jean-Pierre! Enchanté!

Jean-Pierre

Pelo reflexo da colher você pode ver as outras; Sylvie e Mimi estão mais à sua frente.

(ela procura)

Agnès

Onde está Sylvie?

Jean-Pierre

Mais à sua frente, mais um pouco pra lá.

Sylvie

(fala ao longe)

Eu não posso te ver porque hoje não tenho colher! Estou de castigo *(ela ri)*!

Estou sem colchão e me tiraram todas as roupas, menos a saia e o casaco.

Estou a pão e água.

Agnès

Com esse frio? Mas está congelando, aqui!

Eu tenho torrão de açúcar, aqui. Quer?

Sylvie

Quero sim, se puder me dar. Vou te mandar um paninho pelo basculante. É

preciso ter boa pontaria, hein? Pronta?

Agnès

Pronta, pode mandar.

Sylvie

Lá vai!

(Chega pelo basculante de Agnès um paninho. Ela enrola alguns torrões de açúcar nele, faz uma pequena trouxinha, sobre de novo no tamborete, mira bem e manda para Sylvie. Elas comemoram a pontaria.)

Agnès

(Ainda em pé no tamborete, Agnès procura ver um pouco mais do corredor, das celas. Fala com a plateia.)

A cela de Mimi é um pouco mais à direita. Faz pouco, ela teve a rara e invejável alegria de ser levada para o banheiro. Nele temos, ao mesmo tempo, o prazer de tomar banho e ver o que se passa na rua de Cherche-Midi. Numa varanda em frente à prisão, Mimi vê um homem. Esperando ouvir notícias, ela lhe dirige a palavra e não obtém resposta alguma. Ela insiste, e recebe de volta as seguintes pérolas de galanteria: “Ei, cala a boca, cadela... Se não tivesse trepado com um boche, você não estaria aí.”

Boche é como eram chamados os alemães, na Primeira Guerra. Então: isso é o que os franceses lá de fora pensa de nós.

(Ela tira de seu bolso o único objeto seu que lhe restou, um lençinho bordado. Ela o molha na água da bacia e começa a lavar-se um pouco.)

A vida de minhas companheiras se enrosca na minha como gavinhas de uma videira - aqueles galinhos verdes que se enrolam, assim. Faz apenas nove dias que estou aqui em Cherche-Midi e já vejo a nossa vida de prisioneiras em primeiro plano – minha vida particular, minha casa, minha família, aos poucos vão ficando fora de foco. Quando cheguei aqui, e disse aquelas coisas, “aqui repousa Agnès Humbert, nessa tumba”, etc, eu estava certa. É uma espécie de morte provisória, o que vivo aqui. Foi outra vida que começou.

À noite vou tentar passar alguma roupa para Sylvie, algumas meias, para que ela consiga suportar esse frio.

(A porta da cela se abre. Uma voz masculina a chama para o interrogatório)

Soldado

Dribunal!

Agnès

Eles conseguiram me pegar. De uma maneira muito boba, e eu caí. Eu sempre neguei tudo, em todos os interrogatórios. Mas eles me pegaram. Foi assim: estava chegando o aniversário de minha mãe, e eu tinha muita saudade. A guarda alemã que às vezes é gentil comigo, e me traz algumas roupas de vez em quando, abriu a porta da minha cela, me deu um sorriso meloso que não me diz nada de bom, me entregou um envelope, uma folhinha de papel e dois lápis... “para o caso de algum deles se quebrar”. Ela disse que, por causa da minha boa conduta, vai permitir que eu escreva uma carta para minha mãe, e que o soldado viria pegar minha carta às cinco horas. Eu fiquei tão feliz! Tão feliz! Escrevi uma carta inofensiva, de parabéns, coisa e tal. O soldado veio pegar, e desconfiei tarde demais. Eles usaram a carta para finalmente, comparar a caligrafia com a de tantas correspondências que escrevi para a Resistência. Não há outra coisa a fazer. Gritos, ameaça de morte. Eles me dão a entender que, se eu não falar, irão pegar minha mãe. A única maneira de evitar que a ameaça se cumpra é fingir indiferença.

“Ora, o que querem que eu faça? Podem pegá-la”, eu disse. Minha mãe, que tem 73 anos, que está doente e praticamente cega. Esta noite terei pesadelos.

Soldado

Dribunal!

(ela sai atrás dele).

Cena 9

Stanislawa

Eu me perguntava: posso me curar desse sofrimento? Todo dia eu olhava o diário de Rutka e perguntava: serei capaz de ser feliz, sabendo que minha amiga, tão jovem, não sobreviveu? Que foi levada para Auschwitz e, imediatamente, morreu? Com quatorze anos? Que eu não pude fazer nada por ela, nem por sua família? Dizendo isso, eu entendi que não, que não poderia me curar desse sofrimento. “Não, não. Será preciso cuidar disso a vida toda.”

Um dia, depois que a guerra acabou e a cidade já estava parecendo uma cidade de novo, eu estava passeando no parque da Modrzejowska, e vi uma menina polonesa, como Rutka. Era muito parecida com ela, tinha aqueles olhos grandes... Enquanto eu olhava aquela menina no balanço, ela se soltou e caiu. Eu tive um impulso, nem pensei, e fui correndo até ela, levantá-la do chão, impedi-la de chorar, qualquer coisa! Ela se assustou comigo, mas se acalmou e consegui entender o que se passava ali. Ela viu que eu estava mais assustada do que ela. E... então, me fez um carinho muito doce, um gesto muito doce, aqui... *(toca em seu próprio rosto.)*

Esse gesto não diminuiu a minha dor, mas fez outra coisa. A prova disso, muitos anos depois, é que eu ainda conto esse gesto, eu ainda o tenho no rosto. É um gesto...! De uma menina, como Rutka...! É um gesto que também é um apelo à humanidade, alguma coisa como um apelo. Esse diário... o gesto... um apelo.

Cena 10

Agnès

(Agnès está sentada numa cadeira)

Finalmente o dia do julgamento. Nos levam a todos, nós, os presos, e nos posicionam dos dois lados do corredor, separados a uma distância de apenas

dois metros. Muitos eu nunca vi, mas reconheço todos os meus companheiros, ali. Como somos numerosos! Estamos cercados de homens armados. E então nos encaminham para um patiozinho, onde armaram uma tenda como se fosse um cenário de mal gosto, tudo muito limpo e organizado. Forraram o interior do pátio com papel de parede verde, horrível. A bandeira hitlerista adorna a parede do fundo. Nenhuma foto de Hitler nas paredes. Terá sido esquecimento? Faz um frio muito rigoroso nesse inverno, mas no centro da tenda há uma grande estufa, para aquecer, novinha. No meio daquela gente toda, notei um soldado francês com um uniforme tão bem cortado que parece ter sido feito sob medida. Ele ostenta uma cruz de guerra. Carrega com muito cuidado duas valises – nossos dossiês e provas de acusação – faz reverências aos alemães, evitando dirigir para nós um só olhar que seja. Será que não existem puxa-sacos no exército alemão e é preciso busca-los no que restou do exército francês?

E então, os oficiais ocupam seus lugares na mesa com a suástica.

Presidente do tribunal

(Se senta à mesa na frente de Agnès, e fala com muita dignidade e ciência de seu papel, sem denotar agressividade.)

Lida as acusações na sua totalidade, iniciaremos o interrogatório.

Estudei tanto este caso do Resistência que sou capaz de dizer, com toda a sinceridade, que conheço a vida dessa gente melhor do que a minha, muito melhor do que a minha.

Agnès

O interrogatório começa, falo tudo igual, sem modificar nenhum ponto dos interrogatórios anteriores; ainda bem que minha memória é excelente. Não

entregarei meus companheiros, esses todos que estão aqui comigo, e também os outros que estão fora daqui.

Presidente do tribunal

Eu insisto uma última vez para que a senhora Agnès Humbert diga a verdade sobre as reuniões que eram feitas no escritório da rua Monsieur-le-Prince. A verdade contará a seu favor, e a favor de seus companheiros. Ninguém vai sofrer nada em decorrência da sua franqueza.

Agnès

(fala à plateia)

Parece que já não sinto mais nada. Estamos num estado de euforia, nada é real, nada.

Eles podem me fuzilar, mas não conseguiram me desonrar. Sabíamos muito bem o que fazíamos, éramos adultos. Não falarei.

Presidente do tribunal

(Que parece empalidecer)

Meu dever de alemão é muito duro. Irei proferir as sentenças, ao final do julgamento, e isso não será fácil para mim. Pois eu estimo e admiro os homens e mulheres que hoje irei condenar.

Sra. Yvonne Oddon: condenação à pena de morte.

Sr.a Sylvette Leleu: condenação à pena de morte.

Agnès

Eles condenaram mais oito companheiros à morte, inclusive Jean-Pierre.

Presidente do tribunal

Sr. Jean-Paul Carrier: condenação a três anos de reclusão.

Sr. Müller: condenação a cinco anos de reclusão.

Sra. Agnès Humbert:

Agnès

Vou morrer de cabeça erguida, e não falei.

Presidente do tribunal

Condenação a cinco anos de reclusão. A senhora irá para uma prisão na Alemanha.

(Agnès se surpreende, tem um pouco de alívio, misturado com indignação)

Alguém tem algo a dizer, antes do encerramento?

Agnès

Eu tenho. Imagino que o sr. tenha notado que, nos últimos onze meses, não pronunciei uma única palavra verídica, mas que esse acúmulo de mentiras teve como finalidade acobertar amigos que os alemães jamais pegarão. O que fiz não foi para me inocentar.

Presidente do tribunal

(assentindo com a cabeça)

Sei disso, sra. Agnès.

Agnès

Tenho certeza de que voltarei a viver em liberdade quando a guerra acabar, que voltarei à França. Então, teremos a nossa vingança. Sempre me lembrarei deste julgamento com respeito. Se algum dia me vir na situação de julgar meus inimigos, lutarei para dispensar o mesmo grau de justiça.

Presidente do tribunal

(assentindo com a cabeça)

Tenha meus respeitos, sra. Agnès.

(ela sai)

Cena 11

Presidente do tribunal

Antes de presidir o principal julgamento dos gaullistas, em Paris, em 1942, o presidente – eu – foi obrigado a passar várias semanas se familiarizando com os numerosos dossiês. Bem cedo, numa manhã, ele foi – eu fui – levado à prisão para conhecer pessoalmente os prisioneiros acusados de espionagem e prestação de assistência ao inimigo. Era um dia inóspito, úmido, frio e sombrio, com a bruma cobrindo os vales no lado sul da cidade. O presidente gastou – eu, gastei – a manhã inteira em encontros individuais com os principais protagonistas. O presidente indagou sobre a saúde dos prisioneiros, sobretudo das mulheres. Desmazeladas e sem maquiagem, parecem dez anos mais velhas do que são, os rostos pálidos e sulcados, desgrenhadas e arrastando os pés. Raramente, contudo, se queixam ou expressam algum desejo pessoal. O presidente sabia que o julgamento seria complexo, em boa parte devido às personalidades dos réus.

Alguns dos acusados se encarregaram de redação e da reprodução de várias edições do panfleto anti-alemão de nome Resistência, que teve milhares de cópias distribuídas na área de Paris através de uma grande variedade de meios. Por representarem claramente uma incitação à revolta armada contra a ocupação... esses panfletos podem ser considerados instrumentos de auxílio e incitação ao inimigo... Sob a lei marcial, a pena de morte é obrigatória.

O comportamento dos acusados é notável. Todos fazem o possível para proteger uns aos outros do ônus da culpa. Exalam calma, compostura e dignidade.

Quando termina o julgamento, eu – o presidente – estava mortalmente pálido. Pesa ao presidente ser obrigado a condenar homens e mulheres notáveis, gente que ele admira por seu patriotismo, integridade e humanidade, impondo-lhes pena de tamanha gravidade. As penas de morte são dadas a alguns. Espero que não tenham a ousadia de fuzilá-los. Impressionante a segurança e o bom espírito demonstrados pela acusada número sete, a sra. Agnès Humbert.

Tudo demora quase três horas para ser lido. Exausto, o presidente se recosta na cadeira e pede um copo d'água. É quando algo impressionante e notável acontece: um dos condenados, o russo Boris Vildé, levanta-se e fala, em francês: “Em nome de todos os réus, agradeço ao tribunal a forma justa e cavalheiresca com que o sr. lidou com este caso. Para expressar tal agradecimento, peço ao meritíssimo permissão para apertar-lhe a mão.”

O presidente deixei o meu lugar, profundamente emocionado, e sem uma palavra estendi minha mão a ele.

Fez-se um profundo silêncio.

O presidente encerra a sessão. Já não era sem tempo: eu precisava de ar.

Quando o presidente – eu – saía da prisão, atravessando corredores sem fim, todos exalando o fedor característico de uma prisão, refletia sobre isso tudo. O grande pátio abobadado agora está vazio e foi varrido até ficar imaculado. Os fantasmas da noite sumiram. Suportarei?

Cena 12

Hannah

Parei completamente de escrever. Há um ditado em húngaro muito verdadeiro, que diz “quem não sabe árabe, que não fale árabe.” (*Ela acha graça*) Óbvio, não

é? Para poder escrever, você tem que saber a língua. Hoje eu vejo que não sei o hebraico, só um pouco.

Entre os novos membros do kibutz há um chamado Eli. Eu conversei com ele quando chegou da mesma forma que conversei com a maioria. Alguns dias mais tarde, senti que ele estava procurando um motivo para me encontrar. Hoje ele falou abertamente que me ama. Ele me conhece há apenas duas semanas. Tenho certeza que, se ele ficasse como membro por seis meses, sem falar de amor, e se eventualmente descobríssemos que temos coisas em comum, eu poderia aprender a amá-lo. Mas quando amor é o assunto principal desde o primeiro momento, não tenho condições de estabelecer nenhum tipo de vínculo. Ele é, sem dúvida, um tipo interessante. Serão todos os rapazes assim? Será esse o costume deles com as moças, como Hitler e suas *Blitzkrieg*, a estratégia de guerra relâmpago? Ataque rápido, ataque surpresa, sem dar chance à força inimiga para organizar a sua defesa? É isso que os rapazes fazem? Ou talvez seja eu, que não sei como reagir nessas situações?

Querido irmão Guiora,

Há cartas que escrevemos para não enviar. Depois de amanhã começarei algo novo. Talvez insensato, talvez fantástico, talvez perigoso. Um, entre cem ou entre mil, pagará com a vida. Talvez com menos que a vida, talvez com mais. Não me pergunte o que é. Um dia você saberá do que se trata.

Basta com esta carta. Espero que não chegue às tuas mãos, e se isso acontecer que seja só depois de nos encontrarmos aqui em Israel. Estou te esperando.

E se, apesar de tudo, os eventos se desenrolarem de maneira diferente... – com amor infinito, tua irmã.

Cena 13**Oficial alemão**

Quer um cigarro?

Agnès

É claro que não.

Oficial alemão

Você partirá para uma prisão alemã. A vida lá será dura, muito dura, mas seu julgamento não é definitivo.

Agnès

É claro que não.

Oficial alemão

Tem treze minutos para se preparar.

Agnès

(fala com a plateia)

Eu tenho treze minutos para me despedir de todos. Alguns eu conseguirei beijar, outros não. Fuzilaram quase todos, e Jean Cassou foi para o campo de concentração. Meu filho Pierre e minha mãe vieram me visitar hoje de manhã. Os dois se portaram muito bem, fortes e esperançosos. Pedimos aos alemães permissão para nos beijarmos. Eles recusaram. Os que deixamos para trás decerto sofrem mais do que nós.

Cena 14**Hannah**

(Está muito alegre, com muita expectativa. Fala com a plateia)

Está decidido. Hoje viajarei ao Egito. Estou convocada como soldada! Não quero falar dos detalhes. Quero acreditar que fiz a coisa certa e que o que estou prestes a fazer também o é. O resto, só o tempo dirá.

(“Fala” uma carta para o tio, tem em suas mãos o papel já escrito e o envelope.)

Se eu não puder escrever – o que não creio que vá acontecer - as pessoas do Kibutz poderão dar informações sobre mim. Deixei dinheiro numa conta para minha mãe ou meu irmão, basta apresentar a identidade. Há também uma mala com objetos particulares e coisas que poderão ajudar à minha mãe. Não se assuste com este estilo de “testamento”, meu tio, mas, como provavelmente partirei para o Egito em breve, eu queria que você estivesse a par desses assuntos tão importantes para quando minha mãe e meu irmão chegarem. Com profundo e cálido afeto, e muita gratidão, Hannah.

(Ela põe a carta num envelope, pega suas coisas e sai.)

Cena 15

Agnès

Quinze dias de Paris até Anrath.

Homem

É a prisão de trabalhos forçados mais terrível da Alemanha. Prefiro avisar logo, Agnès... É melhor que você já fique sabendo. A comida nem é tão ruim, mas praticamente não há. O diretor é um sádico. Você vai engolir em seco.

Agnès

Foi com esse conselho que desembarcamos na estação de Anrath, que parece uma aldeia no meio do nada. Do lado de fora, a prisão tem a aparência de uma fortaleza; o interior é agradável, uma limpeza extrema. Um silêncio mortal. Nos

despiram de imediato. Banho e roupas “novas”, roupas de “operárias-escravas”. Parecíamos, agora, camponesas velhas e muito pobres. O vestido que me dão já foi um dia de flanelinha, mas agora é um mosaico de tecido escuro. Achei que me dariam um casaco, mas não me concederam tal direito. Como roupa de baixo, uma combinação bastante remendada e uma ceroula amarrada abaixo do joelho... genuína lingerie de *cocotte!* Em volta do pescoço, uma gravatinha. Para me calçar, me deram um par de chinelos de couro preto. “Par” é maneira de falar, porque um pé deve ser 37 e o outro 41. Essa iniciação aconteceu rapidamente, acompanhada de um baita bombardeio. A prisão tremia toda. São nossos amigos ingleses, tenho certeza. Agora: para que bombardear esse lugar perdido no nada...?

(Ouve-se som de bombardeio. Agnès não se assusta, não se move.)

Depois das bombas, o silêncio é mortal.

Éramos cerca de quarenta mulheres no corredor, de pé em duas fileiras. É hora da sopa. Recebemos um purê de nabo, quase sem cor. Sinto uma fome atroz! Há dois dias estou com diarreia e borboletas negras voam diante de meus olhos. Mas mesmo assim consigo ver minhas companheiras, mesmo com as borboletas. Vejo uma moça morena, de olhos azuis, os cabelos bem trançados conforme manda o regulamento. Ela dá a impressão de ser divertida, e eu me aproximo dela sorrindo. Arrisco um sussurro: “francesa?” Ela me responde: “sou belga, de Bruxelas. Estou aqui por promover a fuga de prisioneiros franceses, sou prisioneira política.” Aperto-lhe a mão e acrescento baixinho: “não vamos nos separar, de jeito nenhum”. É preciso ficar junto. A amizade será a coisa mais preciosa desses dias que mal estão começando, para mim. Ela se chama

Henriette. Uma alemã, de rosto bastante delicado, adere à nossa conversa. Fala um pouco de francês. Ariana pura, casou-se com um judeu, o que se tornou crime a partir de 1933. Ela e o marido achavam que iam viver em paz na Bélgica. Mas ele foi mandado para o campo, e ela veio para cá.

Chegando à fábrica em que iríamos trabalhar, deixei-me seduzir pela aparência externa, por essa harmonia à qual sou sensível – e esqueci por três horas que estamos na Alemanha hitlerista. Claridade e limpeza evocam a imagem de um fantástico laboratório. Mas o avesso disso é a guerra, sabemos.

Depois de um mês chegaram prisioneiras russas. Em sua maioria, são lindas! Todas usam aquele *foulard* nacional, ou um lenço branco em volta da cabeça. Têm a expressão amedrontada de pequenos pardais. São bonitas.

Bem: eu adverti vocês no início. Essas imagens são grosseiras, de cores pouco vivas, imagens sem arte. Seria bonito se pudesse colorir, usar aquarelas, talvez. O que fazer para contar a vocês o que vi, o que aconteceu comigo e com os outros, sem que parem de me ouvir? Nem tudo é tão interessante quanto a dignidade de ser presa política na França, ou de saber que se está trabalhando na resistência.

Depois que voltei à França, ao final da guerra - pois eu sobrevivi - depois de alguns anos eu soube o que aconteceu. Todos diziam “que lindo!”, ser da Resistência, de Vichy, “obrigado a vocês, franceses audaciosos”, “que orgulho desses homens e mulheres francesas”, coisa e tal, fomos recebidos com flores. Mas no desenho das crianças das escolas francesas dos anos de guerra foi possível ver que quase nunca seus desenhos - os mais infantis, os das crianças menorzinhas - quase nunca mostravam simpatia pela resistência. Ali, naqueles

desenhos que nos culpavam pela situação, ali se podia ver o pensamento dos franceses comuns. Os resistentes eram mesmo para serem presos. Ao ver os desenhos foi possível entender o grande número de franceses delatores de seus compatriotas. Passar a guerra não foi fácil, embora depois se ganhe uma coroa de louros. Então, eu preciso contar.

(É preciso falar: vinte milhões de soviéticos morreram para libertar a Europa e ninguém se lembra!)

Passamos fome, gripes, doenças sem ter nenhum remédio, desinterias, piolhos, violências, solidão. Conviver lado a lado com criminosas alemãs fazia o cotidiano estar repleto de traições, e mais violência. Trabalhávamos das seis da manhã até às dez da noite, às vezes mais, de domingo a domingo. Um dia eu levei um soco do guarda porque pedi um remédio para a gripe. Ir ao banheiro é proibido, beber água é proibido, podem imaginar quantas vezes alguém se viu em situação sub-humana. Quando fiquei de castigo por reclamar, me deixaram três dias sem beber água, no calor e com comida condimentada. Houve crises de angina, de difteria. O pior de tudo, e isso eu preciso dizer, me desculpem, é que não podíamos trocar a roupa de baixo. Não havia troca. Não podíamos lavar, porque alguém roubava, e também não tinha água, nem para tomar banho. Não havia também absorventes, de nenhuma espécie. Não havia papel higiênico, não havia nada. Quanto a mim, me esfregava com um pedaço de tijolo recolhido no pátio. A areia também funciona bem... uma boa sugestão para os laboratórios de produtos de beleza.

Você me pergunta: como isso seria possível? Eu só sei que estava feliz, ao menos por saber que o meu trabalho com a seda não serviria para os soldados alemães. Ao menos eu não estava trabalhando para a guerra. Também ficava

feliz em ouvir os bombardeios, que aumentavam a cada dia. Numa manhã eu soube que os ingleses desembarcaram em Dieppe, na França!

Mas houve grandes mudanças por aqui também. Como as russas rendem um bocado no trabalho com a seda, resolveram me levar, a mim e à minha amiga Henriette, para trabalhar na tecelagem, onde o trabalho é duríssimo. O pior ainda não chegou.

Cena 16

(É noite alta, Henriette e Agnès estão mais ou menos deitadas, bem perto uma da outra. Falam o mais baixo que conseguem, para não serem escutadas pelos guardas nem por ninguém mais.)

Henriette

Mas Agnès, por que escolheram a gente? A tecelagem é só para quem é mais jovem, com menos de trinta anos, e também para as mais altas...! As máquinas são muito altas, você viu?, a gente não vai conseguir trabalhar nelas.

Agnès

Quando eu falei que tinha quarenta e oito anos, o contramestre desconfiou, fingiu que não pareço tão velha. Fiquei esperando que ele examinasse meus dentes, como fazem com os cavalos.

(As duas riem um pouco, acham graça)

Henriette

Nós vamos ganhar tamancos, pelo menos. Tamanquinhos belgas, com borboletas desenhadas!

Agnès

E vamos ganhar uniforme da fábrica, também. Vamos nos livrar dessa roupa de baixo fedorenta.

Henriette

Como está calor, não? Ainda bem.

Agnès

O trabalho lá será muito duro, Henriette. Se prepare. As prisioneiras que voltam do trabalho lá ficam muito doentes, por causa do ácido.

Henriette

Ácido? Que ácido?

Agnès

O ácido que usam para fazer a viscosa. Uma substância muito traiçoeira. Eles só dão luvas para os operários civis, parece. Acho que teremos que trabalhar sem elas; as presas trabalham com as mãos nuas. Tem gente que volta de lá com bolhas nas mãos, sufocando pelo cheiro, passando mal, sem enxergar direito... foi o que ouvi. Não vai ser fácil.

Henriette

Nossa vida não vale quase nada, não é?

Agnès

Não. A gente sabia o que estava fazendo, não sabia?

Henriette

Sim, eu sabia. Mas não foi muita coisa, afinal.

Agnès

São gestos pequenos. Tudo o que podemos fazer são gestos pequenos, antes e agora também. Sairemos dessa guerra com gestos pequenos, Henriette, vamos fazê-los todos os dias, até isso acabar. Um gesto de cada vez.

Henriette

Estou com medo.

Agnès

Eu também. Mas os bombardeios estão aumentando, você ouve? Na janela do lado de lá eu vi o céu bem vermelho. Talvez caia uma bomba na tecelagem logo logo. Talvez isso tudo acabe logo.

Henriette

Tomara que eu consiga aguentar.

Agnès

É preciso engolir em seco, agora.

Henriette

“Depois da chuva, o sol há de brilhar”.

(elas riem, e começam a cantar bem baixinho “La jeune garde”)

As duas

Nous sommes la jeune garde

Nous sommes les gars de l’avenir

Élevés dans la souffrance

Oui nous saurons vaincre ou mourir

Nous travaillons pour le bonne cause

Pour délivrer le genre humain

Tant pis se notre sang arrose

Les pavés sur notre chemin!

Prenez garde, prenez garde...

(Elas seguem cantando, até que Henriette adormece. Agnès ajeita a amiga, e se caminha um pouco mais à frente.)

Agnès

Pouco a pouco comecei a entender o trabalho com a viscose, que me parecia cheio de mistério... e de riscos. A viscose parece um mel, tem a consistência de glicerina, e produz queimaduras muito sérias. A viscose, à semelhança do fósforo, adere a ferida que provoca. Não é possível descolar, e corrói em profundidade. E, quando pinga, a gente só se dá conta quando sente a dor. Aí já é tarde demais: mais uma ferida. O mal segue seu curso e forma uma espécie de panarício; quando ele fica maduro, extrai-se o carnegão e a ferida se fecha, lentamente. É essa viscose, que produz a seda artificial, que todas odiamos.

Como tenho uma falta de habilidade incomum com as mãos, ganhei logo nos primeiros dias seis feridas de viscose na mão esquerda e três na direita.

Henriette ainda não sabe, mas em breve ficará cega pelo ácido. É bom que ela possa descansar um pouco, antes de passar por aquilo. Mas ela é corajosa, a ponto de jamais se queixar. A sua cabeça vai doer, assim como seus olhos, e todo o sistema nervoso ficará abalado. Eles a levarão para o posto de saúde da fábrica. O enfermeiro, que Henriette acha uma pessoa muito humana, aplica uma pomada e um colírio nos olhos, juntamente com uma aspirina. Esse é o único tratamento. Doente ou não, é preciso voltar à fábrica, ainda que isso signifique a morte. Mesmo totalmente cegas como Henriette, as mulheres são levadas a um porão, onde ficam no escuro, numa cama de estrado sem colchão e um cobertor sujo. Será que minha amiga será capaz de aguentar tal provação? Sua saúde me preocupa muito.

(Agnès desperta Henriette com delicadeza)

Henriette, Henriette! Eu sou avó!

Henriette

Como?, Agnès, você está maluca? Avó, como assim?

Agnès

A guardiã me avisou, o diretor abriu uma carta de meu filho Jean.

Henriette

Jura! E é menino ou menina?

Agnès

Ela não quis me dizer, mas eu consegui olhar umas palavras da carta que estava na mão dela, e eu li “Yves”. Eu tenho um neto, Henriette!

Henriette

Você nem me disse que seu filho esperava por um bebê!

Agnès

Mas eu também não sabia...! Que sensação estranha, essa de ser avó.

Henriette

Você não vai, nunca mais, desaparecer por completo. Nunca mais. Parabéns, minha amiga!

Agnès

(Volta a falar com a plateia)

Na noite em que recebi esta notícia, o contramestre me chama e manda que eu ajude a drenar o duto de viscosidade. Porque tinha ar no cano. O contramestre abre o dreno, que é da altura de um homem, e faz jorrar a viscosidade, que é posta num balde e jogada no esgoto. Sempre são duas prisioneiras que fazem esse serviço, porque é muito pesado e perigoso. Eu falo isso, “precisa de duas pessoas!”, mas ele não me responde nada. Me manda pegar o balde e colocar embaixo da

bomba. Um escorregão, um tropeço e a viscosa se derrama sobre os pés. Imaginam o que seria? Sozinha, essa missão é impossível. Eu me recuso a fazer aquilo sem ajuda. A expressão dele se torna selvagem, e ele urra, como um urso: “Vaca preguiçosa, você vai esvaziar este balde!”. E esta vaca preguiçosa, olhando fixamente aquele cavaleiro, responde calmamente: “não”.

Pensei que fossem me jogar na cela, no porão, me bater. Nada disso. O contramestre viu a minha firmeza e chamou outra prisioneira para me ajudar a carregar o balde. Por alguns instantes eu me senti bem. Mas, quando eu fui posicionar o balde, ele abriu a bomba, comigo ali! O assvio premonitório do ar preso na bomba me avisou, e deu tempo de pular dali, para grande desapontamento do meu amigo. Se não houvesse ar suficiente no cano, eu teria levado um jato de viscosa na nuca.

Meu coração disparou, e eu fiquei furiosa. Mas me contive e disse a mim mesma, como se escrevesse cada palavra nos ossos do meu peito: “daqui a cinquenta anos, na minha família, todos saberão que os alemães me maltrataram. Tenho um neto... Yves! Ele dirá aos seus filhos que me obrigaram a trabalhar acima do que eu poderia suportar.” Essa ideia me consola, por hora.

(Entra um soldado. Agnès olha para ele, que olha o estado dela atentamente)

Eu quero ser dispensada do serviço pesado porque não tenho mais forças. Não estou me recusando a trabalhar, mas quero um trabalho compatível com a minha capacidade física e o meu estado de saúde.

Soldado

Você pode assinar um pedido de clemência.

Agnès

Clemência? Pedir-lhes clemência, eu?! Prefiro morrer!

Muito obrigada, senhor, mas eu recuso. Pretendo cumprir integralmente a minha pena.

(Ele sai. Henriette se levanta e vai até a amiga)

Henriette

Deixa eu te ajudar um pouco. Venha até aqui, cuidado.

(Henriette a conduz com muita delicadeza até uma cadeira)

Senta um pouco.

(Ela tenta tirar os sapatos de Agnès, que grita um grito abafado de dor)

Agnès

É melhor não tirar, é melhor não tirar; deixa, eu deito de sapato mesmo.

Henriette

Está bem, está bem, já passou. Onde está sua troca de roupa? Ali? Deixa que eu pego.

Agnès

Obrigada, Henriette. Eu não vou conseguir fazer nada com esses dedos.

Henriette

Deixa que eu faço. Está muito ruim, isso aqui?

Agnès

Está, mas meu coração está leve. *(Ela sorri.)* Consegui mais uma vez.

Henriette

Fala baixo, Agnès...! Conseguiu o quê?

Agnès

Eu quebrei de novo as rodas dentadas. Vai demorar bastante pro mecânico consertar dessa vez. Vai levar o dia todo, no mínimo.

Henriette

Eu também. *(As duas dão uma risadinha cúmplice)* Eu esfreguei a viscosa molhada na bandeja, com toda a força. Quando ela secar, vai estar uma porcaria.

Agnès

Pequenos gestos, minha amiga. Não é muito nobre, mas pelo menos não vamos fazer tecidos perfeitos para as cuecas deles.

Henriette

E nem para os paraquedas. Pára um pouco de se mexer, por favor. Deixa eu tirar a sua blusa por cima, me ajuda.

(Henriette examina a amiga) As costas não estão ruins. O pior mesmo é seu pé esquerdo. Está mais inchado que ontem, a cor está esquisita. Deixe ver as mãos. Nossa, puseram muita pomada aqui.

Agnès

Chegue mais perto, olha só: isso não é pomada, sua boba. É minha mão mesmo.

(Henriette a beija, no rosto, um gesto forte, e sai.)

No meio da noite, no meio do trabalho, ela veio até a minha máquina e me deu um beijo. Eu fico meio atordoada com aquela explosão de ternura, mas não tenho tempo para pensar naquilo, porque tinha que trocar os filtros, e meus dedos ardem muito. Além disso, meu coração não está nada bem. Aí eu digo a ela: “daqui a pouco, minha amiga, daqui a pouco dou uma chegadinha na sua máquina, tá bom?” Dez minutos mais tarde, escuto gritos, vejo mulheres correndo. E eu, cansada, sem paciência, pergunto: “o que houve, agora?”. “Ela cortou os pulsos com um vidro, mas o belga viu e a impediu de se matar.” Ai, mais uma..! Mas de quem se trata, afinal? “De Henriette”, me dizem, da

pobrezinha da Henriette, minha irmã, minha mãe, minha filha e, melhor que tudo, minha amiga. E eu nem consegui reagir, de tão cansada.

Como ela, muitas outras já tentaram, com ou sem sucesso. Parece fácil, basta tomar um copo do ácido, que está à mão. Mas mesmo assim, algumas não conseguem. Às vezes, será preciso sobreviver.

Cena 17

Hannah

Abençoado o fósforo que queima em chama ardente.

Abençoada a chama que arde em cada coração.

Abençoado o coração que soube deter-se por honra.

Há estrelas cujo brilho é visível na terra, embora elas tenham sido há muito tempo extintas. Há pessoas cujo brilho continua a iluminar o mundo, apesar de elas já não estarem entre os vivos. Estas luzes brilham particularmente quando a noite é escura. Elas iluminam o caminho para a humanidade.

(Vários paraquedistas se juntam à Hannah, formando uma linha de frente. Eles criam um coro em várias vozes. O som de aviões acompanha o coro, num crescendo.)

Hannah e o coro de paraquedistas

Eu vivo a história que não é minha.

Eu vivo a história de um povo.

Eu não sou eu, eu sou nós.

Nós somos nós.

O que você vê é uma pessoa, e como tal tenho imperfeições.

Se for possível ver-nos a todos nós, juntos, o que se verá não serão imperfeições, mas tentativa.

É preciso dizer que um povo não ficou parado.

É preciso dizer que um povo é de gente, não de ovelhas.

É preciso dizer que será preciso saltar na vastidão do céu, rumo à dureza da terra, é preciso ter coragem de saltar, saltar como um povo.

Chegar à terra como um povo.

Eu sou nós.

A morte será certa, seja quando for.

Todos os caminhos levarão à morte, seja quando for.

Mas cabe a mim, nós!, decidir se queremos morrer sem saltar.

Que a vida seja salto.

Todos os saltos são provisórios.

Se agora estou prestes a saltar, é um povo que se lança.

É um povo que se lança, sem ser empurrado.

Eu salto por vontade própria.

Um, entre cem ou entre mil, pagará com a vida.

Talvez com menos que a vida, talvez com mais.

É verdade que somos fracos, ainda somos fracos, eu ainda preciso aprender.

Mas a única resposta ao assassino é o salto da resistência.

Sou pássaro, nasci mulher, nasci homem, mas agora somos pássaros.

Um pássaro voa, um pássaro canta, um pássaro vem à terra.

Somos mulheres, somos homens, somos pássaros, não somos ovelhas.

Cresça, cresça, chama minha, no sangue dos caídos acenda um clarão.

Cresça, cresça, chama minha, nas bocas dos caídos, canção.

(ela se adianta, o som de aviões para. Silêncio)

Hannah

Querida mãe:

Dentro de alguns dias estarei muito perto de você – e tão longe. Perdoe-me.

Mas, por favor, me entenda.

Cena 18

Stanislawa

(ela lê)

“Hoje me lembrei muito bem do dia 12 de agosto de 1942, ou seja, do encontro no clube judaico. Vou tentar descrevê-lo para que, daqui há alguns anos, eu possa lembrar – evidentemente se não tiver sido deportada para os campos de morte. Levantamos às quatro da madrugada. Comemos muito bem, tendo em vista o que se come nestes tempos de guerra: ovos, salada, manteiga, café com leite. Quando nos demos conta, já eram cinco e meia. Então, saímos. Na estrada, havia milhares de pessoas rumando na mesma direção. Era preciso parar a cada minuto, no intuito de esperar diminuir a multidão à nossa frente. Às seis e meia chegamos. Conseguimos um lugar muito bom num banco. Ficamos bem até às nove. Foi quando olhei através da cerca e vi soldados com fuzis apontados para a praça onde estávamos, para evitar qualquer fuga. Fugir por onde? Pessoas passavam mal, crianças choravam... parecia mesmo o dia do juízo final. As pessoas estavam com sede, não havia água, fazia um calor

insuportável. De repente desabou uma tempestade, e a chuva torrencial não parou mais. Às três da tarde chegou Kuczynski e começou a separação. “Um” significava poder voltar para casa. “Um –A” significava trabalhos forçados no gueto, o que era ainda pior que a deportação. “Dois” era para investigação, e “Três” deportação, ou seja, morte. Foi quando vi o que era desgraça. A nossa vez chegou às quatro horas.

Mamãe com papai e meu irmãozinho foram para “Um”, para casa, e eu para “Um-A”, trabalho forçado! Fui andando atordoada. Lá estavam meus amigos Salek Goldzweig, Linka Gold e Mania Potocka. O mais espantoso de tudo é que não estávamos chorando, ab-so-lu-ta-men-te nada, não deixamos cair uma única lágrima sequer. Depois, pude presenciar tantas desgraças que não dá para descrevê-las com uma caneta. Lembre-se, diário, embora seja difícil de acreditar, estamos na Polônia do século XX! A tempestade grassava acima de nós, muitos bebês jaziam na grama encharcada pela chuva. Os policiais batiam e atiravam, sem parar. Fiquei presa ali até uma hora da manhã, depois fugi. Meu coração batia como se fosse explodir. Pulei da janela do primeiro andar e nada me aconteceu; apenas meus lábios sangraram porque eu tinha mordido. Estava completamente transtornada quando alcancei a rua. Caí então, sem querer, nos braços de um fardado. Achei que não aguentaria mais. Achei que ele ia me bater, mas ele estava tão bêbado que nem viu a *judeztern* e me deixou ir embora. Em volta de mim, a noite estava escura como breu. Apenas de vez em quando um relâmpago dissipava a escuridão e ouvia-se um trovão. Cheguei em casa muito rápido, e estavam todos lá. E isto foi tudo; não, esqueci a coisa mais importante de todas: vi com meus próprios olhos um soldado arrancar um bebê dos braços da mãe e...

(Stanislawa segue a leitura em voz baixa)

... eu escrevo isto como se fosse a coisa mais natural do mundo...

(segue a leitura em voz baixa)

... sou muito jovem, tenho quatorze anos, não vi muitas coisas na vida e já estou tão indiferente. A tristeza toma conta de mim, quando...

(segue a leitura em voz baixa)

... agora, tratemos de coisas locais. Janek esteve aqui esta tarde. Tivemos que ficar sentados na cozinha. No meio da conversa, sem mais nem menos, ele disse que sentiria muito prazer caso pudesse me beijar. Respondi: é uma possibilidade, e continuei a falar. Não deixarei que me beije. Temo destruir...

(Ela interrompe a leitura, e fica em silêncio.)

Cena 19

Agnès

(Agnès está sentada com Henriette e outras prisioneiras, ao lado das máquinas. Elas comem pão com manteiga.)

A defesa antiaérea não para! Daqui da fábrica, ouvimos dizer que a cidade está em chamas. Por que diabos eles pararam na cidade? Por que não seguiram em frente, chegando até nós? Será que isso ficou para amanhã?

O dia está esquisito, hoje. Disseram para a gente não trabalhar. Parece que não tem nenhum guarda por aqui, que estranho...!

(Fala com a amiga)

Henriette, vou descer e ver o que há.

(Ela se levanta. Som de bomba, dessa vez um som surdo, como se nossos tímpanos tivessem sido estourados, como se estivéssemos no lugar de Agnès.)

(Ela põe as mãos nos ouvidos. Ainda com as mãos nos ouvidos, olha ao redor. Ao reconhecer que a fábrica foi destruída, fica muito animada.)

(Também em surdina, enquanto tudo cai, na fábrica, e vemos Agnès com as mãos na cabeça, ouvimos a internacional socialista.)

(Agnès, então, procura um bom lugar para falar a todas, depois que a poeira da bomba já abaixou.)

Agnès

Companheiras! Companheiras, atenção! Prestem só um pouquinho de atenção! Parece que estamos todas bem por aqui, não? Por favor, não vamos sair correndo por aí de qualquer jeito. Vamos nos manter unidas por aqui, num salão seguro, vamos esperar que os aliados cheguem. Estaremos mais seguras aqui, juntas, do que lá fora. Quem quiser muito sair, que o faça. Mas é melhor ficarmos juntas.

A guerra acabou, minhas amigas!! Não se fala mais em trabalho! Acabou!! Logo os soldados aliados chegarão da cidade até aqui, são só doze quilômetros, no final do dia estarão por aqui, tenho certeza.

(fala com a plateia)

Descemos para o porão, porque parecia que iam cair mais bombas, como de fato caíram. Já estava quase escuro quando se fez um silêncio tão profundo, mas tão profundo, que era possível até escutar o tempo.

As mulheres se olhavam a toda hora, querendo saber o que devíamos fazer, estávamos famintas. Cansada de esperar, subi com Madeleine e Chagnoux até o

salão, para olhar pela janela, enquanto as outras esperavam. Apagamos a luz e abrimos a janela. Para não sermos vistas do lado de fora, nos ajoelhamos. E esta foi a visão: a cidade arde em chamas distantes, soldados alemães passam mais ou menos perto de nós, em grupos de dois ou três, sujos, exaustos. Eles marcham encurvados, depuseram as armas... ah! Que alegria ver isto, a alegria maldosa de vê-los como vi nossos soldados na França, vagando pelas estradas, naquele começo de guerra!

Por um instante, penso em meus companheiros da resistência: Vildé, Yvonne, Walter, e todos os outros. Eles morreram por isso, para que existisse esse momento. E agora, diante dos meus olhos, a besta agoniza lentamente.

O barulho que chega até nós deve ser dos tanques americanos, atravessando as ruas da cidade. Eles devem atirar para todo canto, em todos os sentidos, sem dúvida para impressionar, pois do lado alemão ninguém reage. Finalmente, um grande silêncio cai sobre a cidade. É bonito de ver, da janela, esse silêncio. Nós três nos olhamos, e não foi preciso dizer mais nada.

Então, vimos um carro entrar numa ruazinha vizinha, e eu ouvi uma voz com uma entonação muito diferente:

- Harry, come here!

Sem discutir o assunto, corremos para avisar as outras e subimos até a cozinha. Nos apropriamos do jantar das guardiãs! Estávamos radiantes! Era uma festa da vitória, com comida e tudo!

Cena 20

Reuven

Poucos minutos depois de nosso salto de paraquedas, estávamos em solo iugoslavo, na terra dos Partisans. Andamos juntos por vários meses. Vimos muitos atos de heroísmo, de vitória e de derrota. Mas nosso objetivo era lutar para salvar nossos irmãos e irmãs. Milhares de Partisans e civis viram Hannah em seu uniforme militar, revólver na cintura, marchando segura, atraindo a atenção. Ela era famosa por ali, muito havia sido falado sobre ela. Nunca tinham visto uma mulher paraquedista. Mas, além disso, Hannah tinha algo admirável que inspirava um respeito espantoso. Nossa missão era ir a pé até a fronteira da Hungria. Seria muito difícil, porque os alemães haviam entrado lá. Mas finalmente chegou o dia que Hannah tanto aguardava: o dia de cruzar a fronteira. Eu não estava seguro dos preparativos, mas Hannah havia se negado a esperar, definitivamente. Todos os meus esforços para convencê-la foram inúteis. Seu estado de ânimo era excelente, ria com todos, gostava de se divertir com os soldados. Jantamos mais cedo, naquela noite. Hannah me pediu para sair um pouco até o pátio para conversar sobre o plano. Definimos uma senha para a escrita em código. Seria: HAKIBUTZ HAMEUCHAD SDOT YAM CESAREA. Ela também voltou a insistir para que eu conseguisse para ela um pouco de cianureto, para o caminho. Caso fosse presa. Mas eu fui firme e neguei. Achei que precisava manter sua esperança de que tudo daria certo. No dia seguinte, bem cedo, saímos da casa e a acompanhamos por um trecho do caminho. Para despistar os curiosos da aldeia, caminhamos primeiro na direção contrária, corrigindo o trajeto depois de um tempo. Só no final da aldeia é que nos despedimos definitivamente. Apertamos nossas mãos e ela me disse: “até breve, na terra do inimigo”. Fiquei parado em meu lugar e meus olhos acompanharam a jovem israelense que marchava com segurança para um destino desconhecido.

Antes que sumisse completamente do nosso campo de visão, Hannah parou, voltou-se e acenou para nós. Eu não sabia que nunca mais voltaria a vê-la.

Yoel

Quando cheguei à terra dos guerrilheiros, não encontrei a mesma Hannah que conheci no Egito. Seus olhos já não cintilavam. Ela era fria, de uma lógica precisa, não confiava mais em estranhos, não confiava nos guerrilheiros que punham obstáculos à nossa ação. Depois a gente percebeu que ela tinha razão em desconfiar. Se antes era difícil lidar com o mau humor de Hannah, agora era muito pior. Ela tinha adquirido uma segurança extraordinária! Partimos na manhã seguinte, em direções diferentes. Desconhecíamos a situação real de Budapeste. Combinamos de nos encontrar na grande sinagoga no sábado, ou, se fosse impossível, na grande igreja no domingo. Nos despedimos como amigos íntimos, verdadeiros, como amigos de alma.

Em vão esperei Hannah na sinagoga, na igreja. Quando fui preso e torturado, um único pensamento me consolava: “por sorte, Hannah não estava comigo. Ela terá mais sorte do que eu. Ela cumprirá a missão e mobilizará o mundo para a ajuda.” Eu estava na minha cela na prisão da Gestapo quando de repente ouvi uma voz que chamava: “Hannah Senesh?” e, em seguida, ouvi a voz dela: “presente”. Ela estava presa aqui, comigo! Eu fiquei enlouquecido, me joguei contra a porta da prisão, bati nela com os pés e as mãos... será que eu estava sonhando? Hannah também foi pega? Estava tudo perdido? Fracassamos? Pelos presos eu soube que era verdade que ela estava ali, numa cela incomunicável, três andares acima da minha. Não descansei até conseguir fazer contato com ela, e descobri que com um espelho eu podia fazer sinais no teto da cela de Hannah. Será que ela

percebeu?, fiquei na dúvida. O sinal de volta não demorou muito. Durante um mês e meio mantivemos contato dessa maneira.

Hannah era famosa na prisão, dava força para todo mundo. Seu comportamento na presença de tropas da SS e da Gestapo foi exemplar. Nunca baixou a cabeça, nunca. Sentiam respeito por aquela jovem delicada, paraquedista, que desconhecia o medo. Eles, que durante anos aprenderam que o judeu não sabe bater, não sabe reagir, mas só receber pancadas, retrocediam diante dela. O comandante da prisão, um sádico torturador, considerava um privilégio entrar na cela de Hannah e discutir com ela. Adorava ouvir de seus lábios a crítica ferrenha ao regime nazista e a previsão que fazia de sua derrota iminente.

Hannah

Que castigo você me aplicaria se o veredito dependesse de você?

Oficial da SS

Não lhe aplicaria nenhum castigo. Nunca vi em minha vida uma jovem tão corajosa. Mas basta por hoje de interrogatório. Quer um cigarro?

Hannah

Não.

Oficial da SS

Vamos ouvir um pouco de suas opiniões a respeito da Palestina.

Hannah

Talvez eu esteja exagerando na idealização da realidade, mas Eretz Israel vai ser , muito em breve, o lugar mais incrível do mundo para se viver.

Oficial da SS

Muito bem, muito bem. Chegaremos lá e veremos pessoalmente o quando há de verdade nisso que fala. Porque não tenha dúvidas: chegaremos a todas as partes, e também por lá.

Hannah

Está bem. Quando vierem, lhe mostraremos tudo, como fazemos com os demais turistas. Mas vocês nunca chegarão da maneira como pensam chegar.

Yoel

Em 28 de outubro, perdidas todas as esperanças, Hannah foi levada a julgamento, diante daqueles que a prenderam. Muito pouco se sabe sobre isso. Certamente havia testemunhas que presenciaram a sessão, mas nos momentos mais dramáticos todos foram tirados da sala e Hannah ficou sozinha diante de seus juízes assassinos. Sabe-se que ela confessou sua culpa, mas defendeu seus motivos energicamente. Sabe-se que os juízes, que eram húngaros, ficaram desconcertados diante de tanta clareza, diante daquela que sabia que, se tivesse conseguido ajudar aos judeus da Hungria, teria ajudado também aos húngaros, livrando-os do domínio fascista. Eles sabiam que tinham diante de si uma grande personalidade. As palavras de Hannah os convenceram de que era iminente o dia em que deveriam prestar contas pelo sangue que derramaram. Ficaram atônitos. A confusão reinava na corte, e o tribunal decretou que adiaría a sentença por alguns dias. No corredor do tribunal, estava a mãe de Hannah, vestida de preto, esperando a sentença da filha.

Mãe

Eu também fiquei presa. Me levaram para depor, e eu fiquei. Estava bom, porque queria muito ficar perto dela. Não entendia o que estava acontecendo: o que ela

estaria fazendo aqui em Budapeste, ali na prisão? Eu que pensava nela na Palestina, trabalhando no Kibutz!

Nosso sonho – que nos colocassem juntas na mesma cela – não se concretizou. Mas estávamos no mesmo grupo, nos passeios pelo pátio. Fora isso, havia em frente à nossa cela uma torneira, de onde as prisioneiras estavam autorizadas a trazer água, três vezes por dia. Às vezes eu conseguia sair no momento preciso em que ela também saía, e pegava em sua mão. Às vezes eu podia abraçá-la por uns instantes.

(mãe e filha se encontram e se abraçam)

Hannah

Não posso contar, mãe. É segredo militar. A guerra está por terminar, e aí você saberá. De qualquer maneira eu não te contaria. A polícia dispõe de métodos para obter confissão através da força, mãe. É melhor que você continue sem saber.

Mãe

Mesmo que você não me diga, sei que você não se juntou ao exército por amor aos ingleses... algo judaico deve haver nisso.

Hannah

Sua suposição está correta, mãe.

Mãe

A questão é saber se era justo que, por isso, você pusesse sua vida em perigo, desse jeito.

Hannah

(fala baixo, mas com firmeza)

Eu tenho certeza disso. Mas fique tranquila. Não fiz nada contra a Hungria. Pelo contrário. O que hoje se define como uma falta, amanhã será uma virtude. Os fatos me justificarão.

Você gostaria de aprender hebraico comigo, mãe?

Mãe

Tá, claro, pode ser.

Hannah

Então podemos começar hoje à tarde! Eu escreverei de lá, da minha janela, com o dedo, e você olha daqui, tá bom? Podemos começar escrevendo nossos nomes e o de Guiora, pode ser?

Mãe

Filha, disseram que iremos todas para o campo de Auschwitz. O que é isso, campo? Campo de Auschwitz?

Cena 21

Agnès

É preciso passar quatro anos trancafiada para conhecer a sensação estranha que é descer livremente por uma escada, abrir sozinha a porta e sair da prisão por vontade própria para fazer alguma coisa que ninguém nos proibirá de fazer.

Eu descí. Aí apareceu um soldado de uniforme cáqui, na porta. Eu e Madeleine olhamos para ele e estudamos um pouco a figura, que ainda não era familiar. Aí eu lhe estendi a mão, com um sorriso largo, e disse: “bom dia, somos as prisioneiras políticas francesas que vocês acabam de libertar. Estamos tão felizes...” E o americano nos respondeu: “Francesas...! Francesas? Têm certeza

de que são francesas? Porque, se forem alemãs, não tenho o direito de lhes dirigir a palavra.”

E então entra um suboficial, um sargento. Ele olhou as janelas com arame farpado e me perguntou: “Isso aqui é uma prisão, não?” Respondo afirmativamente e explico que sou uma prisioneira política francesa. “Política. De que conotação política?” Eu esclareço. Silêncio.

Ele me olha nos olhos, os seus são incrivelmente azuis, e depois, lentamente e bem baixinho, ele me diz: “Eu a procurava, companheira, sabia que iria encontrá-la. Não se preocupe mais, estou aqui para ajudá-la.”

Sim, ajudou, ouvir aquilo, daquele jeito, me ajudou. Mas eu iria ajudá-lo muito mais. A partir dali, servi como intérprete, como estrategista, como militar... ao lado desse sargento, foi preciso trabalhar, ainda, para organizar a bagunça da cidade e da Alemanha. Porque, agora, os poloneses estão intoleráveis. Querem vingança, destroem tudo, jogam futebol com os pães da padaria, ameaçam a população alemã, matam os animais que veem pela frente, não querem dar leite para as crianças das famílias alemãs... Agora que a primeira euforia da libertação já está passando, esses poloneses deveriam entender que precisam se portar como gente civilizada. Mas ainda há muito desejo de vingança. Tem também os *Wehrwolf*, os “lobisomens”, uma sociedade secreta, ainda nazista, que se esconde no bosque em torno da cidade e que ameaça contra-atacar. O sargento precisa de ajuda para por ordem na cidade: o prefeito quis renunciar (mas nós não deixamos, agora não, não senhor, justo agora?!), o número de refugiados cresce, os saques aumentam... não satisfeitos em roubar, os saqueadores ameaçam por fogo em tudo. Eu sugiro ao sargento três paliativos:

Um: colocar na porta das casas um aviso, redigido em várias línguas, informando que todos os saqueadores serão fuzilados. Desde que se atire nos pés de alguns poloneses rebeldes, isso acalmará os outros.

Dois: a requisição de um cinema, guarnecido com colchonetes, que servirá como abrigo temporário para os refugiados, que poderão contar com uma sopa duas vezes ao dia, pelo menos.

E, finalmente, três: a requisição de um hotel para ser imediatamente transformado em hospital para os refugiados ou deportados que se encontrem doentes ou feridos.

Quem vai garantir o funcionamento disso serão os alemães e a municipalidade. A segurança de tudo fica com os americanos.

(Muito satisfeita consigo mesma) Depois de aprovar minhas sugestões, o capitão me deu carta branca. É muito engraçado: anteontem ameaçaram me fuzilar e agora sou eu que faço ameaças de morte, sou eu que organizo, que comando, e – melhor que tudo! – é a mim que escutam respeitosamente. Eu dou risada porque é muito engraçado, isso tudo. Quem diria...?

Cena 22

Yoel

Eram dias decisivos, aqueles. Apareciam notícias da chegada do exército vermelho, mas ninguém sabia ao certo qual era a situação real. A confusão era enorme: após o julgamento de Hannah, os juízes haviam fugido em plena luz do dia. Estávamos em nossa cela, eu e alguns companheiros, sem saber direito o que esperar de tudo aquilo, tentando suportar o frio rigoroso daquele novembro, encolhidos ao máximo para evitar a perda de calor, e de repente nos pareceu

escutar um ou dois disparos. O que havia acontecido? Uma execução? Não era possível, não havíamos escutado os passos do pelotão de fuzilamento, nem a leitura da sentença, nem as orações de praxe, nem a corneta, porque tudo isso antecedia o momento tenebroso de uma execução por ali. Meia hora depois voltou para a cela o nosso companheiro que estava na enfermaria. Ele estava pálido. Com uma mão ele tirou o gorro, com a outra se apoiou na parede e com a voz trêmula ele disse: “há meia hora atrás fuzilaram Hannah.”

Oficial

Hannah Senesh, você foi condenada à morte. Quer pedir clemência?

Hannah

Condenada à morte? Não vou pedir clemência. Não, eu quero apelar. Chamem o meu advogado.

Oficial

Você não pode apelar, só pode pedir clemência.

Hannah

Compareci a um tribunal de segunda categoria. Eu sei que tenho direito de apelar contra essa sentença.

Oficial

Não há apelação!

Hannah

E por que estamos só nós dois aqui? Por que minha sentença não foi lida na presença de testemunhas?

Oficial

Volto a perguntar se você quer pedir clemência ou não.

Hannah

Clemência a vocês? De jeito nenhum, não! Não vou apelar a carrascos nem assassinos!

Oficial

Nesse caso, prepare-se para morrer. Você pode escrever duas cartas de despedida. Apresse-se, você tem uma hora.

(O oficial sai. Ela permanece na mesma posição por algum tempo. Depois, pega o papel e a caneta que lhe deram e começa a escrever.)

Yoel

No dia seguinte, eu recebi o meu bilhete:

“Meus companheiros,

Continuem vosso caminho, não temam, continuem a luta até o fim, até que chegue o dia da liberdade, o dia da vitória de nosso povo.”

Mãe

No dia seguinte, eu recebi o um pequeno bilhete:

“Para Katarina,

Minha querida e amada mãe,

Não tenho palavras, só posso dizer-lhe isto: um milhão de vezes obrigada.

Perdoe-me, se puder.

Você mesma entenderá por que as palavras são desnecessárias.

Com amor infinito,

Tua filha.”

É verdade, as palavras não são necessárias. Elas tampouco existem.

Yoel

Depois de escrever as cartas, foi assim o que aconteceu. Eu soube depois. O oficial foi buscar Hannah em sua cela. (A guerra já tinha praticamente terminado... não era necessário...!) Dois soldados a levaram até o pátio. Junto a uma parede de ladrilhos cinzentos, onde fica a pequena entrada da prisão, há um canteiro cheio de areia empapada com o sangue das vítimas executadas. Eles fixaram um poste na areia e nele amarraram as mãos de Hannah. Ela fixou seu olhar nos olhos do oficial e dos soldados. Talvez buscasse... o que buscava com aquele olhar? Humanidade? Mudo, o oficial acercou-se de Hannah para lhe vender os olhos com um lenço. Hannah afastou a cabeça das mãos do oficial, recusando a venda. Foi aí que ouvimos os tiros. Dois.

Cena 23

Anônima

(Ela se levanta de sua cama, dobra o pobre lençol que a cobria.)

Sim, a guerra chegou a Berlim. Muito barulho, estrondos e ribombos, uma trovoadas ininterrupta dos canhões. Ninguém fala nada, ninguém pensa nada. Os rostos sim expressam o que ninguém diz. Nós nos tornamos um povo de mudos. Calamos as bocas, o que mais poderíamos? Não há leite, não há comida, só algumas batatas podres, e isso já falei. Não tem carne, não tem casa, nada é de ninguém, ou melhor, qualquer coisa é de qualquer um, isso eu também já falei. Mas eu não falei que qualquer mulher é de quem pegar, agora. É preferível ficar de boca calada, mulher muda de povo mudo. Pudesse rezar, agora. O cérebro

se agarra a qualquer fórmula, farrapos de frases. Me lembrei dessa: “passe ao largo do mundo, ele não é nada”. Schopenhauer, acho. Não, acho que não.

A senhora Behn cacarejou ontem à noite, lá embaixo, no porão: “ora, sejamos sinceras! Não há mais nenhuma virgem entre nós, por favor!” Ninguém respondeu. Penso em quem ali, talvez seja virgem. Talvez a filha do porteiro, que tem dezesseis, e que depois do que aconteceu com a irmã mais velha está fortemente vigiada. Uma mulher nova no porão disse, primeiro sussurrando pra mim, depois em voz alta, que amarrou seu anel de casamento no elástico da calcinha: “se os russos chegarem ali, o anel também já não importa mais.” Foi uma gargalhada geral. Em todo o caso, o monte de eczemas purulentos que ela tem no rosto deveriam protegê-la de tais experiências. Eczemas purulentos também valem alguma coisa hoje em dia.

No padeiro havia pãozinhos, os últimos. Também, eram as minhas últimas fichas de pão. Não há perspectivas de novos cupons de racionamento, não há absolutamente nenhuma ordem, nenhuma notícia, nada. Não há mais uma viva alma nesse mundo que se importe conosco. Subitamente, somos indivíduos; não somos mais compatriotas, *Volksgenossen*. Todos os velhos laços entre amigos e colegas? Estão mortos, na medida em que a distância que os separa ultrapasse três prédios. A turba das cavernas, a família, como nas épocas primitivas. O horizonte não vai além de cem passos.

(Ela vai pegar um pãozinho, muito bem guardado. Ela se senta, solta o corpo na cama com a gravidade, sem cerimônia. Olha bem para o pão, tira um pedaço com os dentes, mastiga sem vontade.)

Quando eu estava na fila da padaria, um caminhão passou por ali. Transportava tropas alemãs, com um distintivo vermelho. Portanto, eram soldados da defesa

antiaérea. Estavam sentados em silêncio, olhando o vazio. Uma mulher da fila gritou para eles: “estão se mandando? Hein? Estão indo embora, é?”, e não recebeu resposta. Dando de ombros, nós nos olhamos, e ela me disse: “também, são apenas uns pobres porcos.”

Percebo nesses dias, repetidamente, e de novo, a cada cena, a cada pensamento, que o meu sentimento com respeito aos homens - que o sentimento de todas as mulheres - se modifica. Eles nos dão pena, nos parecem miseráveis e débeis. O sexo frágil. Entre as mulheres há uma espécie de desilusão coletiva. O mundo nazista, dominado pelos homens, glorificador do homem forte, desmorona - e com ele desmorona o mito “homem”. No fim dessa guerra, ao lado de muitas outras derrotas, também se encontra a derrota dos homens, na condição de sexo.

(Batem à porta.)

É um “ivã”. Prefiro escolher um dentre os oficiais, aí os outros subalternos todos me deixam em paz. O que não me mata, me fortalece. Pois não é que está certo? Nietzsche, acho. Acho não, tenho certeza: “Da escola de guerra da vida”, Ditos e setas, capítulo 8.

(Ela vai abrir a porta. Abre sem ver quem está ali, já virando as costas, voltando à cama. Enquanto caminha, de costas para a porta aberta, ela diz:)

Entre.

Cena 24

Agnès

Nosso oficial americano já partiu. Fico triste e temo por ele. Admiro muito esse homem, mas não faço questão de revê-lo. Existem lembranças que devem ser

mantidas intactas e preciosas. Desejo para sempre vê-lo entrar lentamente na prisão, cansado, com o andar pesado, o quepe amassado, o uniforme enrugado. Era magnífico. Era o final da guerra, e nós estávamos juntos, na linha de frente. Nós não ficaremos por aqui muito tempo, também. Há muito o que fazer ainda, há muito desânimo, muita coisa para reorganizar, muita gente precisando de ajuda, mas queremos descansar um pouco. Recebemos muitos elogios, todo o tempo... o que fazemos é imprescindível e muito necessário. Mas Madeleine me disse, pela décima segunda vez, e eu concordo: seria melhor se dedicássemos nosso tempo a tomar banhos de sol, já que ultimamente o clima anda maravilhoso por aqui.

Cena 25

Anônima

(Ao longe, ouve-se uma canção russa em voz masculina.)

Ainda melhor que sei falar alguma coisa em russo.

(Ela está visivelmente cansada. No entanto, se esforça muito para treinar, para não perceber o seu estado)

Pozhaluysta: por favor. Spasibo: obrigada. Ne segodnya: hoje não. YA lyublyu tebya: eu te amo. Imeyte: urso; chelovek: homem. Pitaniye, vodoy: comida, água. Zhenshchina: mulher.

(Ele vê o boné que esqueceram pendurado na cama.)

Ele esqueceu o boné. É um gigante, largo como um armário, com manzorras de lenhador e dentes brancos. Estou tão cansada, tão quebrada, mal sei ainda onde estou. Ele desembrulha um arenque defumado e pão. Manda vir os copos para a vodka, eu obedeço. Pozhaluysta, spasibo. Como se fosse o dono da casa. Estou

com vertigens, apenas metade de mim está presente e essa metade não se defende mais, ela cai contra aquele corpo duro cheirando a sabão.

Por fim, agora, aqui, sossego, escuridão, sono. Ele estará de volta, com certeza, às sete da manhã. “Somos todas formosas burras de carga”: Nietzsche também, eu acho.

(Um som de balas, como de metralhadora, estilhaça os vidros do sótão onde está ela. Ela se assusta, cobre a cabeça).

É hora de descer para o porão, para a caverna.

(A viúva põe a cabeça para dentro do sótão, nota que Anônima está sozinha.)

Viúva

Você não vem? Está perigoso ficar aí.

Anônima

Já estou indo.

Viúva

(A viúva chega perto dela e se senta na cama também.)

O que ele trouxe? Você comeu algo?

Anônima

Comi sim, trouxe pão e salsicha, tem um pouco que sobrou. Quer?

Viúva

Não, obrigada, guarda para você, para mais tarde.

(pausa)

Me diga uma coisa, você realmente não tem medo?

Anônima

Que quer dizer, medo do quê? Dos russos?

Viúva

Sim. Mas eu falo do Anatol, o outro com estrelas no uniforme, o mais forte, gordo, encorpado.

Anônima

Não tenho medo dele, ele come na minha mão.

Viúva

E ainda te faz um filho.

Anônima

Ah...!, isso, você quer dizer. Medo disso.

Viúva

Sim, é uma ameaça, não? Já pensou?

Anônima

Em caminho muito trilhado não cresce mais capim.

Viúva

Eu não sei, não.

Anônima

Eu tenho uma firme sensação de que isso não pode me atingir. É como se eu pudesse, falando num sentido bem físico mesmo, como se eu pudesse me fechar, me trancar contra isso. Estou convencida de que posso bloquear o caminho dessa desgraça através de meu simples não-querer. E você? Não se preocupa?

(A viúva pega sua bolsa, escondida por ali atrás de um móvel, pega o documento de identidade e mostra à outra, de maneira um pouco embaraçada)

Viúva

Vou fazer cinquenta, já. Pelo menos estou livre dessa preocupação.

A filha do porteiro está escondida há dias. Ela subiu ao depósito e passou de lá para o teto da cozinha. Ela fica lá todas as noites e a maior parte dos dias, no cubículo bolorento e apertado, só com um penico, roupa de cama e água de colônia.

Anônima

Ela ainda é virgem. O que é pior, minha amiga viúva?

Cena 26

Stanislawa

(Está sentada, com sua família a seu lado. Ela lê:)

“O que está acontecendo com você, Rutka?” *(Comenta)* Ela escrevia muito assim, falando consigo mesma, como se fosse outra pessoa. *(Continua a ler)* “O que está acontecendo com você? Você não está mais conseguindo se controlar. Isto é muito ruim. É preciso manter o autocontrole e não molhar mais os travesseiros à noite com as lágrimas. Por quem você chora? Pelo quê? Certamente não é por causa de Janek, então por quem? Provavelmente chora pela liberdade.”

(Ela fecha o diário.)

Sobrinho

Eu poderia levar o diário para um amigo meu? O que acha? Poderíamos ir juntos, que tal? Ele trabalha no museu municipal. Tenho certeza que o diário de sua amiga é muito importante, tia. Ele precisa ser conhecido. Talvez mesmo ainda existam pessoas da família dela, em algum lugar do mundo. Ela não fala mais nada, depois dessa data? Não fala sobre sua família?

Stanislawa

Não, olha só. *(Ela mostra)* No final foram arrancadas algumas folhas, eu encontrei assim. Rutka deve ter sido levada no dia seguinte, veja: o último dia é 11 de agosto de 1942.

Sobrinho

A senhora iria comigo até esse meu amigo, pesquisador do museu?

Stanislawa

Ainda tem alguns textos soltos, bem bonitos, olha só. Textos mais poéticos. A imagem dela parece que vai sumindo, olha só: “ao alvorecer, levantei-me e corri para a janela. Os pinheiros me acariciavam com suaves sussurros, misturando o farfalho das suas pequenas agulhas com o murmúrio do rio...” Veja, isto não está na ordem do diário, tampouco havia pinheiros por aqui, acho que ela escreveu antes, depois, não sei; é bonito, não? Ela escrevia muito bem, a Rutka, olha: “O sol inundou todas as montanhas com o dourado de seus raios e fez brilhar o verde das plantas...” Parece que ela estava em outro lugar, não parece?

Sobrinho

Parece, sim, é muito bonita essa parte.

Stanislawa

“A neve cai com seus flocos brancos, cobrindo o sangue purpúreo da rua com um cobertor branco. É inverno. No entanto, não ouço os gritos de alegria das crianças, anunciando que a neve chegou...” Aqui: “ao longe, ergue-se uma tênue cortina de fumaça azulada, um fogueira campesina.”

Sobrinho

Tia, a senhora iria comigo levar o diário?

Stanislawa

(depois de um silêncio)

Eu não conheço mais o tamanho do mundo, querido. Eu também não saberei dizer sim nem não. O que tinha para dizer são as palavras dela. Vocês, conseguiram me ouvir?

Sobrinho

Sim, conseguimos. Entendemos tudo.

Stanislawa

Conseguiram escutar essas palavras? Elas soam como vento? Ou como um murmúrio distante?

Sobrinho

Soam como o vento, tia. As palavras que você guardou por tanto tempo soam como o vento.

Stanislawa

Tem certeza? Como vento? Eu consegui?

Sobrinho

Como vento, sim. O que quer que seja que queria fazer, consegui. As palavras agora precisam ir ao mundo.

Stanislawa

Que eu não conheço mais o tamanho.

(Ela olha o diário, passa a mão por ele e entrega ao sobrinho.)

Pode levar. Pode ir sem mim, eu confio. Não se sai para caminhar quando o dia está terminando, querido. Pode ir, pode seguir. Eu ficarei por aqui, mesmo.

Rutka, eu consegui?

Sobrinho

Conseguiu, tia, conseguiu.

Cena 27

Anônima

“Como é isso, criancinha, será que não poderia dar um sorriso para um russo mais ou menos simpático? Para que ele te traga um pouquinho de comida?” Até o final, eles ainda serão muitos, os “ivãs”. A fome também será muita. Negociaremos comida com os russos. Pagaremos com o que tivermos à mão. Perto do final, ainda será mais difícil. Anatol irá embora, Petka também, Nikolai também, o outro mais culto também. Teremos que trabalhar para os russos, reconstruindo Berlim. Trabalhando para eles, limpando nossa cidade. Seremos nós aquelas que iremos tampar os buracos no asfalto com pedras de escombros dos prédios. Tamparemos os buracos das bombas com os tijolos dos prédios demolidos. Carregaremos os trens que vão para Moscou com todo o metal que encontrarmos, mesmo que sejam de nossas antigas janelas. Carregaremos vergalhões, teremos que lavar as roupas russas em grandes tinas, as toalhas, uniformes. Amanhã é domingo, mas não para mim. Calor, sem sombras. Zinco, zinco, e não acaba mais. Zinco alemão para ser colocado nos vagões para a Rússia.

Desde ontem temos energia elétrica outra vez. Foi-se o tempo das velas, foi-se o tempo do silêncio. O rádio já é transmitido de uma emissora berlinense. Na maior parte do tempo, ele traz notícias e revelações, cheiro de sangue, cadáveres e crueldade. Parece que milhões de pessoas foram queimadas em grandes campos no leste, a maioria judeus. É o que é mais insano: dizem que está tudo claramente anotado em grossos livros, uma contabilidade da morte. Somos mesmo um povo ordeiro. Tarde da noite veio Beethoven. Desliguei. Isso é insuportável, agora.

Eu própria, fui a favor disso tudo? Fui contra? Em qualquer desses casos, eu estava no meio e respirei a atmosfera que nos envolvia e nos tingia, mesmo que não quiséssemos.

Hoje caiu um aguaceiro, enquanto trabalhava. Tivemos que nos aglomerar que nem animais, numa varanda. As roupas molhadas grudavam no corpo, as mulheres se arrepiavam e tremiam. Aproveitamos para comer nossos pães molhados, sem nada em cima. Aí uma mulher murmurou: “No tempo do Adolf eu não teria comido uma coisa assim.” De todos os lados vieram contestações. Eu disse a ela: “pois a senhora ponha isso na conta do seu Adolf”.

Somos nós, as mulheres, que estamos reconstruindo tudo, limpando tudo. Como na época das pirâmides. Só que nós mais demolimos que construímos. Limpar tem sido demolir, e também enterrar os mortos, ainda que seja em nossos próprios quintais. Não sei se me faço entender. Gostaria que soasse como metáfora, mas é tudo muito concreto.

À tarde eu fui ao cabeleireiro. Acreditam? Pela primeira vez em tempos imemoriais! Mande lavar meio quilo de sujeira do meu cabelo e fazer *mise-en-plis*. Um espelho ainda estava intacto, um secador estava mais ou menos amassado, mas utilizável. O modo de falar do cabeleireiro correspondia a outros tempos. Ele falava assim: “com certeza, minha senhora, mas é claro, com prazer, minha senhora, pois não...” Eu achei muito estranho, aquilo. O “minha senhora” é de certo modo uma moeda interna. Vale apenas para nós dois, ali. Para o mundo, somos mulheres arruinadas e lixo.

É por isso que não digo a vocês o meu nome. Prefiro ser a Anônima. Sou 121 páginas escritas em *Kriegspapier*, papel baratíssimo. (*Oferece seu diário, com*

um gesto) Querem? Pouco importa. Anonimamente sobrevivi à guerra; sobrevivemos. Será que para minha felicidade?

Cena 28

Agnès

(Ela está arrumada o quanto foi possível para ela, ou seja, arrumada mas sem nenhum luxo.)

É fato consumado, Hitler foi derrotado, totalmente! Às três horas da manhã ouvimos o discurso pelo rádio, um discurso curto e muito emocionado, do general De Gaulle. Ouvimos soar os sinos da Notre Dame, em Paris. O rádio transmite, entre dois números de jazz, os gritos de alegria da multidão, tanto em Paris quanto em Londres, e gritamos de felicidade com essa gente toda. Em seguida, dançamos muito! Eu me lembro que também dancei em 1918, mas naquele ano eu não sabia o quanto iria sofrer e ver sofrer. Agora que sei, danço melhor, rio melhor. Odeio melhor, também.

Fomos avisados que devemos retornar à França em muito breve. Para mim, como para a maioria dos prisioneiros, a alegria do retorno fica... fica... maculada pela apreensão. O que iremos encontrar em casa...? O que não iremos encontrar...? Nossos entes queridos... estarão vivos? Nossas casas... estarão de pé? Eles viveram sem nós, que surgiremos como fantasmas, e fantasmas sempre despertam um certo medo nos vivos. Tenho medo da volta.

Fui dar adeus ao novo capitão americano que cuida de tudo por lá. Eu precisava agradecer-lhe a imensa alegria que acabei de ter: de manhã, passamos no cemitério judeu, e vimos, sob um sol de rachar, nazistas bem conhecidos da

cidade limpando o mato das aleias, reparando as lápides quebradas, repondo os túmulos profanados. Contemplei a cena com muita satisfação.

Em 11 de junho de 1945, embarquei num caminhão americano, com um motorista francês, parisiense chique e muito gentil. Dormimos na caçamba do caminhão, sobre as bagagens. A aspereza faz uma massagem no corpo. Penso em meus amigos. Foi por isso que lutamos, e que ainda lutaremos, para que um dia aprendamos a não mais fazer guerra...! Fiquei perdida em meus pensamentos por horas, até que o motorista levantou um canto da lona do caminhão... enfiou sua cabeça pelo buraco... e gritou: “acorda, gente! Estamos na França!”. Podem imaginar?

Cena 29

Mãe

Naquele dia, na prisão, me entregaram alguns objetos de Hannah, logo depois que eu soube do que havia acontecido, sem maiores explicações. Me entregaram também um vestido. No bolso, encontrei um papel bem amassado, um pouco borrado, talvez pelo suor das mãos que o apertaram. Nele estava escrita sua última poesia, escrita em húngaro, não em hebraico:

(a mãe pega um papelzinho e lê)

“Um – dois – três... oito de extensão.

Dois passos é a largura da minha cela na prisão...

A vida paira sobre mim como uma interrogação.

Um – dois – três... mais uma semana, talvez.

Ou quem sabe eu esteja aqui, no final do mês.

Mas sinto que a morte se aproxima com rapidez.

Eu podia ter feito vinte e três anos em julho.

O que é mais precioso, apostar decidi.

Dados foram lançados.

Perdi.”

Não acredito que tenha perdido. Eu a perdi.

Ou todos perdemos com ela, todos, sem exceção...

Ou - sim, talvez isso - ela ganhou.

Ganhamos?

FIM